

SET-OUT 2017

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 14,98



Edição
Comemorativa

A Reforma

1517-2017

Momento de gratidão,
reflexão e renovação



Tempo de Reforma

Quando Martinho Lutero cravou nas portas da Igreja do Castelo de Wittenberg o texto *Debate para o esclarecimento do valor das indulgências*, conhecido como suas 95 teses, em 31 de outubro de 1517, não poderia imaginar que estava inaugurando uma revolução de amplas proporções, que afetaria não somente a religião, mas ainda a política, cultura, educação, literatura e filosofia, para se limitar a uma relação modesta de disciplinas.

A coragem do monge que se tornou protagonista da Reforma Protestante confrontou o *status quo* da religião dominante, provocou o ódio de setores importantes da sociedade medieval, despertou consciências e abriu caminho para que as pessoas pudessem conhecer a Deus do modo como Ele Se revela em Sua Palavra, não como um Ser irado e pronto a condenar, mas como um Senhor gracioso e disposto a perdoar.

Cinco séculos se passaram, e os principais pontos discutidos na Reforma ainda necessitam ser reforçados no âmbito da igreja cristã. A frase latina *Ecclesia reformata et semper reformanda secundum verbum Dei* ("A igreja reformada e sempre reformando de acordo com a Palavra de Deus") deve ser mais do que um lema que identifica um evento histórico: precisa ser algo incorporado ao espírito daqueles que se levantam para empenhar o estandarte cristão. Por esse motivo, é pertinente aproveitar o clima de celebração para refletir sobre três pontos essenciais que fazem de nós herdeiros dos reformadores.

O primeiro deles é a *autoridade da Bíblia*. Rejeitando a hermenêutica usada pelo catolicismo romano, que adotava quatro sentidos de interpretação do texto e equiparava a tradição às Escrituras, a Reforma fez do princípio *sola Scriptura* a base para que a Bíblia fosse a regra final da verdade. Aliadas a esse conceito estavam também as ideias da primazia, suficiência e totalidade das Escrituras. Lamentavelmente esse conjunto de pressupostos tem sido abertamente contestado há anos, como consequência da abordagem crítico-histórica de interpretação bíblica. Assim, aportes da história, filosofia, sociologia e psicologia emergiram como elementos de substituição ao princípio *sola Scriptura*, comprometendo e relativizando a compreensão do texto sagrado. Tal realidade deve servir de alerta para que em nosso ensino e pregação reflitamos o compromisso com esse postulado fundamental que simboliza o cerne do movimento protestante.



Precisamos redirecionar nossos esforços para que as grandes descobertas dos reformadores não sejam apenas informações dos livros de história, mas vida no cotidiano da igreja."

O segundo ponto está relacionado com a *centralidade da obra de Cristo*. O sistema sacramental católico romano obscureceu o ministério de Jesus e distorceu a verdade singular da salvação pela graça mediante a fé. A Reforma levou as pessoas a ver Cristo novamente no centro da obra da salvação. A cruz foi elevada e o Cordeiro, exaltado. Ao longo do tempo, porém, algumas ideias confusas em relação à justificação e santificação se infiltraram na igreja e semearam tendências por um lado legalistas e, por outro, liberais. Além disso, para muitos a obra de Cristo está limitada à cruz, esquecendo-se de que Ele ministra como Sumo Sacerdote no santuário celestial, a fim de conceder a Seus filhos "graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4:16). Desse modo, é imperativo que nosso ministério exalte contínua e completamente o papel de Cristo na obra da salvação.

Finalmente, a Reforma redescobriu o conceito bíblico do *sacerdócio de todos os crentes*. Se o catolicismo romano desenvolveu a ideia da mediação sacerdotal e a forte distinção entre clero e leigos, os reformadores iniciaram o processo de substituição dessa concepção nociva à forma de ser igreja. Sem desprezar o papel do ministério na liderança cristã, os reformadores situaram-no na mesma proporção em que a Bíblia o faz: como ofício que serve para o aperfeiçoamento dos santos e a edificação da igreja (Ef 4:11-14). Assim, destacou a vida de serviço que os cristãos devem ter, utilizando-se dos dons recebidos para servir ao mundo e salvar pessoas. Atualmente, temos a necessidade de reafirmar esse compromisso e trabalhar intencionalmente a fim de que a estrutura da igreja seja adequada para que isso ocorra.

Portanto, mais do que celebrar o que ocorreu em 1517, é tempo de reavaliar os rumos tomados pelo protestantismo nos últimos 500 anos e redirecionar nossos esforços para que as grandes descobertas dos reformadores não sejam apenas informações dos livros de história, mas vida no cotidiano da igreja. **IV**



William de Moraes

Wellington Barbosa, doutorando em Ministério (Andrews University), é editor da revista Ministério

10 A centralidade da Bíblia

Carlos Flávio Teixeira

Em Sua Palavra, Deus dispôs à humanidade perdida o conhecimento necessário para a salvação

14 Se não fosse a graça

Carlos Olivares

Salvação é um dom imerecido que Deus outorga a todo aquele que crê em Jesus

17 Justiça pela fé

Glauber S. Araújo

A raiz e causa de nossa justificação não é nossa obediência, mas a de Cristo

20 A singularidade de Jesus

Nilton Aguiar

Somos salvos com base no que Jesus é e naquilo que Ele faz por nós

23 A Deus toda glória

Cristhian Alvarez Zaldúa

Não fomos criados para glorificar a nós mesmos, mas para glorificar somente a Deus

26 Martinho Lutero e as Escrituras

Rafael S. Flores

A influência histórico-gramatical da Reforma é um legado que deve ser considerado em nossa construção teológica



10

- 2 Editorial
- 5 Panorama
- 6 Entrelinhas
- 7 Entrevista
- 30 Pastor com paixão
- 32 Dia a dia
- 34 Recursos
- 35 Palavra final



14



17

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 89 – Número 533 – Set/Out 2017
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisora Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber

Capa Ilustração de Vandir Dorta Jr. sobre imagem de Jonathan / Fotolia

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Carlos Hein; Lucas Alves; Adolfo Suarez, Marcos Blanco; Walter Steger; Jerry Page; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cornelio Chinchay; Edilson Valiante; Efraim Choque; Ewaldino Ramos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Góis; Luis Velásquez; Mitchel Urbano; Ralides Nascimento; Rubén Montero; Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 72,70
Exemplar Avulso: R\$ 14,98



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5960 / 36698

Contribua com a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

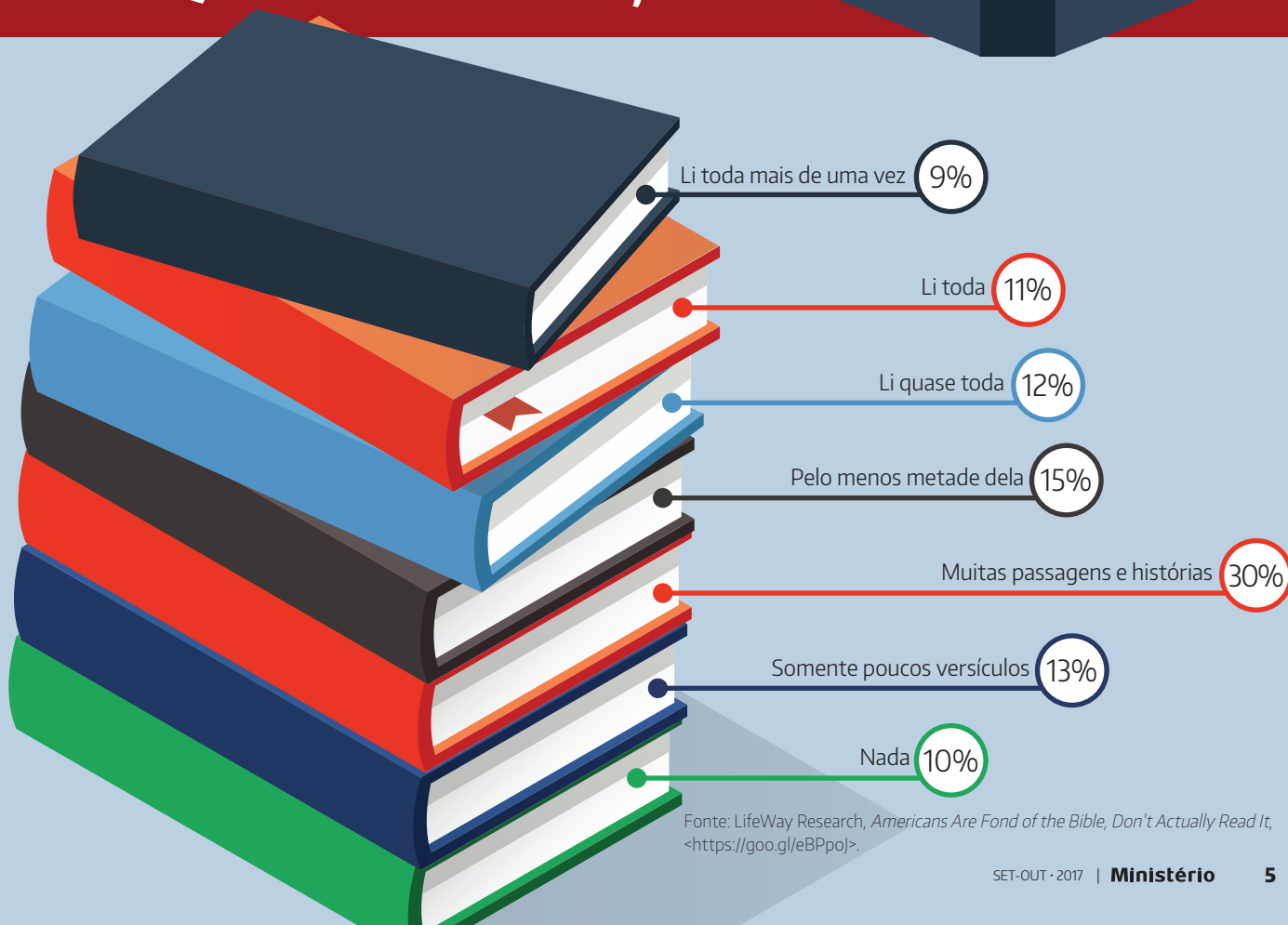
Leitura da Bíblia

De modo geral, grande parte das igrejas cristãs afirmam que as Escrituras Sagradas são o fundamento de sua fé e prática. Entretanto, fora das declarações doutrinárias elaboradas pelas denominações, quão relevante tem sido a Bíblia no cotidiano dos cristãos? Uma pesquisa feita nos Estados Unidos pela LifeWay Research, com mil pessoas, constatou um retrato preocupante. Embora os norte-americanos tenham uma visão positiva das Escrituras, a maioria dos entrevistados (53%) tem lido pouco ou quase nada delas.

Outro detalhe que chama atenção está relacionado à abordagem com que os entrevistados estudam a Bíblia. Somente 22% leem sistematicamente as Escrituras todos os dias, enquanto 30% procuram o Livro Sagrado apenas quando precisam dele. Os resultados dessa investigação nos Estados Unidos, maior país protestante do mundo, projetam uma perspectiva sombria sobre os países onde o protestantismo não é a maioria. Assim, com base nessas informações, provavelmente os resultados não seriam muito diferentes na América do Sul.



Quanto da Bíblia você já leu?



Fonte: LifeWay Research, *Americans Are Fond of the Bible, Don't Actually Read It*, <<https://goo.gl/eBPpo>>.

As duas faces da moeda

Quando se discute acerca do discipulado é importante ter em mente as duas faces que envolvem essa moeda. A primeira é a de *ser discípulo*, ou seja, aceitar a Cristo como Salvador e seguir Seus passos, Seus ensinamentos e Sua vida, mantendo comunhão diária e crescendo em graça na “sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus” (Fp 3:8). Em *O Discípulo Radical*, John Stott analisa exatamente o que é *ser discípulo*. A segunda é a de *fazer discípulos*, ou seja, ensinar outros a seguir a Cristo, conforme Mateus 28:19 e 20. O livro *Discípulo Relacional*, de Joel Comiskey, descreve de maneira prática como podemos fazer discípulos. Essas duas perspectivas são vistas de modo claro no ministério do apóstolo Paulo. Sua dinâmica de discipulado carregava essas características, como fica evidente em sua epístola aos Filipenses.

O discípulo. Para o apóstolo, o seguidor de Cristo deveria ter pelo menos três marcas:

Viver para Cristo. “Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1:21). Tudo na vida de Paulo apontava para Jesus. Ele era sua paixão, seu alvo, sua motivação e sua própria recompensa. Não havia na agenda do apóstolo algo que lhe fosse exclusivo. O foco era Cristo.

Viver com contentamento. “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fp 4:11). Paulo disse que “aprendeu”. Ele, que era tão capaz, tão competente e tão preparado, aprendeu a viver sem depender de posições, elogios, afagos ou coisas dessa natureza. O apóstolo sempre mantinha o brilho nos olhos.

Viver com comprometimento. “Minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais” (Fp 1:13). Paulo não encarava a pregação do evangelho como um evento ou programa, mas como estilo de vida. Onde estivesse, ali era seu campo missionário.

O discipulador. Paulo foi um discipulador por excelência, e podemos resumir isso neste versículo: “O que

também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco” (Fp 4:9). Em Filipos, o apóstolo teve quatro atitudes que contribuem para o processo de discipulado.

Paulo ensinou: “O que também aprendestes”. Ele sabia a importância do ensino para o crescimento de uma igreja saudável e, por isso, não poupou esforços nesse sentido. De acordo com Ellen G. White, o apóstolo ensinava “cuidadosamente a maneira de trabalhar com êxito” (*Obreiros Evangélicos*, p. 440). O pastor que deseja discipular precisa gastar mais tempo ensinando seu rebanho.

Paulo se doou: “E recebestes”. O apóstolo dos gentios se entregou sem reservas às ovelhas que estavam sob sua responsabilidade. Ele não viveu em função de si mesmo, mas das pessoas que o cercavam.

Paulo falou: “E ouvistes”. Paulo foi o escritor mais prolífico de toda a Bíblia e, sem dúvida, um grande comunicador. Tudo que considerava importante para a igreja, tanto em relação às pessoas quanto à igreja como um todo, ele falava, persuadia, repreendia e elucidava de forma muitas vezes direta, consistente e aberta. Não há discipulado sem comunicação franca e honesta.

Paulo testemunhou: “E vistes em mim”. As cartas, os ensinamentos e os discursos do apóstolo não teriam efeito sobre os outros, se não houvesse coerência entre o que ele falava e o que vivia. Thomas Fuller disse: “Um bom exemplo é o melhor discurso.”

As palavras de Paulo ecoam até nós hoje. Ele disse: “Sede meus imitadores” (1Co 11:1). Como pastores, se desejamos fazer discípulos de Cristo, lembremo-nos de ser, em primeiro lugar, discípulos, para alcançar o coração de cada membro com ensino consistente, entrega genuína, fala transparente e vida consagrada. **TM**



O pastor que deseja discipular precisa gastar mais tempo ensinando seu rebanho.”



Lucas Alves, mestre em Liderança (Andrews University), é secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Divulgação DSA

De Luder a Lutero

A igreja de Jesus Cristo deve estar em contínuo processo de reforma. O que deve servir de base para a fé cristã não é a tradição, mas o Evangelho da graça e da misericórdia de Deus.

por Walter Steger



Gentileza do entrevistado

A coragem de Martinho Lutero ao confrontar o *status quo* da igreja cristã de seus dias com suas 95 teses fixadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, iniciou um novo capítulo na história do cristianismo. Em decorrência de sua atitude ousada e obstinada, milhões de pessoas foram levadas às Escrituras para encontrar nelas o centro da fé e da vida cristã: Jesus Cristo.

A personalidade, as obras e o pensamento do reformador alemão têm sido objeto de estudo há muito tempo; entretanto, poucos na América do Sul empreenderam a desafiadora tarefa de escrever de modo aprofundado acerca da vida dele. Martin Dreher, ministro ordenado da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e professor de História da Igreja, destaca-se como o autor da mais recente e importante obra escrita sobre a vida de Lutero no país, intitulada *De Luder a Lutero: Uma biografia* (Sinodal, 2014; 2ª ed., 2017).

O doutor Martin Dreher nasceu em Montenegro, RS, em 1945. De família alemã, pelo lado paterno é descendente de agricultores e artesãos que chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1825. Pelo lado materno é descendente de pastores, professores e missionários luteranos que chegaram a São Paulo a partir do fim da década de 1860. Em 1970 ele concluiu sua graduação em Teologia. Cinco anos depois, em novembro de 1975, obteve seu doutorado em Teologia, com ênfase em História da Igreja, pela Universidade de Munique. De 1978 a 1994 foi professor de História da Igreja e do Dogma Cristão na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS. Entre 1995 e 2011 lecionou no Departamento de História da Unisinos, na mesma cidade, atendendo os cursos de graduação e pós-graduação. Desde 2011 o doutor Dreher está aposentado e se dedica, especialmente, à produção textual, com ênfase em História da Igreja e imigração e colonização na América Latina. Casado com Walli há 46 anos, o casal tem duas filhas, um filho, duas netas e um neto.

Seu nome é Martin, à semelhança do grande reformador. É uma mera coincidência? Que lugar Martinho Lutero tem ocupado em sua vida?

Não é mera coincidência. Nasci em 10 de novembro, data do nascimento de Martin Luther. Como a Segunda Guerra Mundial havia terminado em maio de 1945, meu pai teve que discutir no cartório para que eu pudesse ser registrado como “Martin”. Cresci no seio de uma família luterana, mas nela jamais houve destaque em relação ao nome do reformador. O destaque era dado à leitura da Bíblia e a um bom conhecimento de suas narrativas. Só comecei a ter consciência de Lutero quando, aos 13 anos, tive que decorar o *Catecismo Menor* (1529), condição para ser aceito como membro pleno da Igreja Luterana, na Confirmação. Devia ter uns 17 anos quando li o texto de Lutero “Da Liberdade Cristã” e uma pequena biografia dele. No Ensino Médio, fui presenteado com a biografia de Vicente Themudo Lessa, *Lutero*, que retratava, a exemplo de Heinrich

Boehmer, apenas o reformador quando jovem. A verdadeira importância de Lutero para minha vida só veio a se manifestar durante o estudo teológico. Vim de um lar bastante legalista e desconhecia a beleza do Evangelho de Jesus Cristo, que nos fala da aceitação incondicional do ser humano da parte de Deus, de graça, em confiança. Naquele que Se nos revelou no Cristo crucificado e nos liberta de todos os nossos temores. Antes que eu conseguisse agradecer a Deus, Ele já Se agradara de mim. A partir daí as cartas do apóstolo Paulo e a leitura de textos de Lutero se tornaram importantes para mim. Pude verificar que o grito da Reforma do século 16, na boca de Lutero, era a explicação que ele deu ao primeiro mandamento. “Devemos temer e amar a Deus e confiar Nele sobre todas as coisas.” Lutero gritava: Vamos deixar Deus ser Deus e aceitá-Lo assim como Ele Se revelou em Jesus Cristo. Isso significou *eleutheria*, liberdade, e a possibilidade de servir (*diaconia*). Só mais tarde pude constatar que, ao descobrir a *eleutheria*, o reformador trocou o “d” de seu sobrenome original, Luder, pelo “th” da *eleutheria*, dimensão que se perdeu, quando na língua portuguesa e espanhola se eliminou o “h”. Quem diz “luterano” tem que dizer da liberdade que temos em Cristo.

O que motivou o senhor a escrever uma biografia sobre Lutero e como foi essa experiência? O que mais o impactou ao fazer esse livro?

A biografia de Lutero foi publicada quando eu já tinha 69 anos. Ela é resultado de anos de ensino, pesquisa e extensão. A obra foi precedida por uma série de traduções, conferências, introduções e notas a escritos do reformador. O impulso para escrevê-la veio da Editora Sinodal, que havia publicado diversos livros sobre Lutero, todos eles, contudo, traduções de autores alemães, norte-americanos e franceses. Apesar da existência do livro de Vicente Themudo Lessa, que só tratava do jovem Lutero, não havia nenhuma narrativa de

sua vida escrita no hemisfério Sul, visando a leitores dessa região. Alguém tinha que escrever para eles, deixando de lado as peculiaridades que só interessam aos leitores do hemisfério Norte. O que mais me impactou talvez seja resultado da idade em que me encontrava ao escrever a biografia. Descobri que o reformador era uma pessoa tão contraditória quanto eu. Por isso, não pude ficar apenas no jovem Lutero, mas acompanhei-o até o fim de sua vida, em que a meu ver, começaram a aparecer sinais de demência. Foi um período de grande aprendizado. Sua frase no Debate de Heidelberg, em 1518, de que o verdadeiro teólogo diz as coisas como elas são, proporcionou-me a *eleutheria* de escrever em sua biografia aspectos que talvez para muitos não sejam edificantes.

As 95 teses de Lutero são consideradas o “início” da Reforma Protestante. O senhor concorda com isso ou acha que houve outros eventos de igual ou maior importância para o começo da Reforma no século 16?

Desde 1300 estavam surgindo na Europa os Estados Nacionais, que assumiram o comando da igreja cristã em seus territórios. Tal controle teve início em Portugal, depois se estendeu para a França e Espanha. Nas regiões em que não se conseguia unidade territorial, príncipes e potentados locais assumiam esse controle. De fato, não havia mais poder central capaz de estabelecer domínio uniforme sobre os territórios europeus. O papado e o império estavam em declínio. De forma crescente, surgia o clamor por uma reforma da cristandade, na liderança e nos membros. No entanto, esses clamores foram sufocados pela violência. Basta lembrar, por exemplo, do assassinato de João Huss, no Concílio de Constança. Por outro lado, havia iniciativas locais de reforma, como a que ocorreu na Espanha, durante o governo de Isabel de Castela, e também a reforma das universidades, nas quais a Bíblia foi colocada como base do estudo teológico.

Se existiram tais iniciativas isoladas, sem as quais não se pode entender, por exemplo, Inácio de Loyola e os jesuítas, também é verdade que houve movimentos leigos como o dos Irmãos da Vida Comum, que influenciaram Tomás à Kempis, autor de *A Imitação de Cristo*, e foram professores de Erasmo, Lutero, entre outros. Eles buscavam enfatizar que a vida cristã podia ser vivida no cotidiano. As publicações que produziram foram de fundamental importância para que, depois, se pudesse ir “às fontes”, entre as quais estava a Bíblia. Não podemos nos esquecer também de Gutenberg e de sua descoberta impressionante: a imprensa. Sem ela, as ideias de Lutero e de outros não teriam se propagado.

Outro ponto é que o reformador não foi o único a falar da liberdade de consciência. Em seus dias, um direito fundamental do ser humano ganhou destaque: o direito à opção. Foi por causa desse anseio que muitos anabatistas perderam a vida. Eles afirmavam que o Estado não tinha o direito de querer controlar a consciência de seus súditos; por isso, negavam-se a pedir o batismo para seus bebês e protestavam pedindo para ser rebatizados, assumindo-se conscientemente como cristãos. O Estado Absolutista emergente não tolerou dissidentes e os liquidou. Lutero teve mais sorte, pois atuou na área com maior concentração de capital da época. Ao atacar a venda de indulgências, impediu que continuassem a fluir recursos da Alemanha para Roma. Esse capital pôde circular na Europa Central e incrementar a economia, rendendo-lhe o aplauso de comerciantes e artesãos. Esses eram dias de capitalismo emergente. Lutero nasceu na época propícia.

Uma vez que alguns itens propostos por Lutero já haviam sido apresentados por outros teólogos, o que foi novidade nas obras dele e quais foram suas implicações teológicas?

As reformas sugeridas antes de Lutero e em seus dias, por exemplo, por Erasmo, foram de ordem moral. Lutero buscou uma

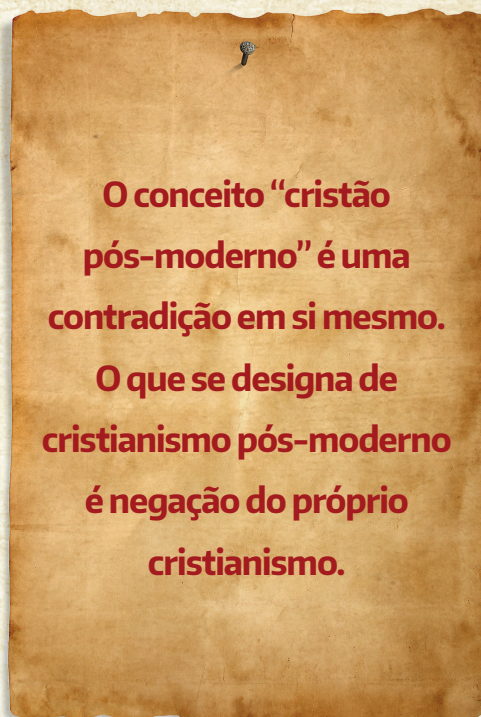
reforma da Teologia, sem deixar de denunciar os abusos de ordem moral. Nessa busca, procurou chegar a uma compreensão de Deus, de Jesus, do Espírito Santo, da graça, da fé, da Escritura, da igreja e dos sacramentos e das celebrações litúrgicas. Todas suas formulações teológicas ocorreram em meio a muitos ataques pessoais. Por isso, ele não produziu uma *Institutas*, como Calvino. Mesmo assim, podemos afirmar haver um todo coerente em sua exposição.

No centro da descoberta reformatória de Lutero está, sem dúvida, a justificação por graça e fé. No entanto, ela fica obscurecida, se considerarmos a radicalidade com que ele fala do Deus que Se revelou em Jesus Cristo, algo que recebeu a designação de *Theologia Crucis*, a Teologia da Cruz. Cuide-se, contudo, que a Teologia da Cruz não é uma teologia do sofrimento, de uma mística do sofrimento. Teologia da Cruz é a revelação de Deus. Lutero verificou a partir do apóstolo Paulo que Deus Se revela sob o contrário do que Ele é, no paradoxo da cruz. Querer reconhecer a Deus sem a cruz é teologia da glória e, por isso, negação do sacrifício de Cristo. A partir da cruz de Cristo, como lugar da revelação de Deus, é que podemos entender toda a radicalidade do falar teológico de Lutero. A partir da cruz, igreja é a comunhão dos santos e não mais primordialmente uma instituição. Os sacramentos não são espaço de controle das consciências, mas dádiva graciosa de Deus. Salvação não é algo a ser adquirido, mas dádiva graciosa de Deus. Assim, ética cristã não tem como alvo o Céu, mas a Terra; pois, em Cristo, o Céu nos é dado de graça.

O senhor acha que a Reforma iniciada por Lutero tinha que ver somente com uma situação específica do cristianismo ou implicou uma mudança de paradigma necessária até hoje?

O que ocorreu com Lutero e seus contemporâneos não foi um acontecimento

único do passado. A igreja de Jesus Cristo deve estar em contínuo processo de reforma. O que deve servir de base para a fé cristã não é a tradição, mas o Evangelho da graça e da misericórdia de Deus. Destaco que o movimento reformatório começou como protesto contra a venda da salvação, que é dádiva gratuita de Deus. Passados 500 anos, defrontamo-nos novamente com a venda de salvação na forma de sal grosso, sabonete do descarrego ou bênção em troca de dinheiro. É urgente que a fé cristã volte a perguntar o que é o evangelho da graça e da misericórdia de Deus.



O senhor acredita que depois de 500 anos podemos ter perdido algum aspecto importante e fundamental da teologia e/ou do espírito da Reforma iniciada por Lutero?

Lutero viveu em tempos de modernidade, em que a base da sociedade eram o Estado e o mercado. Ele voltou-se contra o Estado que queria controlar as consciências (cf. "Da autoridade secular. Até que ponto se lhe deve obediência") e contra a nova economia

que buscava submeter a igreja e a Teologia à lógica do mercado (cf. "Contra a usura"). Vivemos em tempos de pós-modernidade. O Estado não sabe mais ao certo qual é sua função, e a base da sociedade é o mercado que busca novamente submeter igreja e Teologia à sua lógica. Templos são transformados em centros de compra. Desaparece a graça. Tudo é vendido. Na "Teologia", conceitos centrais desaparecem, pois o ser humano só é "vítima" de entidades, das quais se livra mediante pagamento a uma instituição religiosa. Em consequência, desaparece a ética, e "Jesus" passa a ser mais um entre muitas entidades capazes de desbançar outras. Carecemos de profunda transformação na igreja e na Teologia. A Teologia da Cruz precisa ser redescoberta.

Após 500 anos da Reforma, o que seria mais importante para os cristãos que vivem na pós-modernidade aprenderem com a vida e obra de Martinho Lutero?

O conceito "cristão pós-moderno" é uma contradição em si mesmo. O que se designa de cristianismo pós-moderno é negação do próprio cristianismo. É preciso retornar às Escrituras Sagradas e se comprometer seriamente com elas. Mas aqui é necessário que se pergunte: O que é a Bíblia? Segundo Lutero, "Bíblia é uma manjedoura dentro da qual Cristo está deitado; se não O encontrases, só tens palha." Essa definição nos ajuda a apontar para o centro das Escrituras: Jesus Cristo, no qual Deus Se revelou assim como Ele é. As perguntas de Lutero "quem é Deus?", "quem é Jesus?", "quem é o Espírito Santo?", "o que é a graça" e "o que é a misericórdia de Deus?" continuarão a ser centrais para a fé cristã. Cada geração tem que respondê-las. Na resposta, deve estar presente os "somente" de Lutero. Somente Cristo, somente a fé, somente a graça, somente a Escritura. **IM**

A centralidade da Bíblia

As origens e a trajetória do princípio *sola Scriptura* na igreja cristã

Carlos Flávio Teixeira



celebração dos 500 anos da Reforma Protestante é um marco comemorativo da publicação das 95 teses contra o tráfico de indulgências,¹ ocorrida em 1517. Naquela ocasião, talvez poucos pudessem imaginar a dimensão e os desdobramentos que

isso desencadearia no cristianismo. A experiência de despertar do monge alemão agostiniano Martinho Lutero, iniciada por ocasião de sua memorável viagem a Roma, intensificou-se com o estudo dos Salmos e do livro de Romanos e culminou com a elaboração e divulgação de suas teses.²



Lutero protestou contra o sistema de indulgências da Igreja Católica Romana, convicto de que tal sistema representava uma séria distorção do genuíno ensino da Bíblia, “o abandono das Sagradas Escrituras e a aceitação de tradições e palavras humanas”.³ Em resposta, ele desenvolveu seus ensinamentos tomando como base bíblica a justificação pela fé, e como princípios diretivos “cinco solas” na forma das proposições latinas *sola Scriptura* (somente a Escritura), *sola fide* (somente a fé), *sola gratia* (somente a graça), *solo Christus* (somente Cristo) e *solus Deo gloria* (glória somente a Deus).⁴ Entre esses, o lema *sola Scriptura* “reflete o princípio-chave da Reforma”.⁵ Entretanto, para se compreender a importância dessa iniciativa de Lutero, é necessário relembrar a origem e a trajetória do *sola Scriptura*, enquanto princípio fundamental de interpretação da Bíblia.

Sola Scriptura e a interpretação apostólica

Embora a Bíblia não faça menção à expressão latina *sola Scriptura*, seu texto estabelece esse princípio e seu significado, ao mesmo tempo em que reivindica sua observância por parte do leitor. Essa proposição está presente em contextos do Antigo Testamento (Sl 119:105; Is 8:20), nos ensinamentos e práticas de Jesus (Lc 24:27, 44, 45; Jo 17:14, 17, 20) e no testemunho apostólico do Novo Testamento (At 15:21; 1Co 4:6; 2Pe 1:19-21). Com isso, fica claramente sinalizado que as Escrituras inspiradas eram a única fonte de genuíno conhecimento teológico do povo de Deus.

Forte evidência disso é o uso que os escritores do Novo Testamento fizeram da expressão grega *hē graphé* (“A Escritura”), apelando para tal conteúdo. Por meio do uso singular de *graphé* (Escritura), precedido de artigo definido, eles apontaram, ora para uma passagem específica do Antigo Testamento (Jo 13:18; At 1:16;

1Tm 5:18; Tg 2:8, 23), ora para o Antigo Testamento como um todo (At 8:32; Gl 3:8; 1Pe 2:6). Por meio do uso plural *hai graphai* (“As Escrituras”), eles sempre apontaram para o Antigo Testamento como um todo (Mt 21:42; Mc 12:24; Lc 24:27, 32, 45) e para a inclusão dos textos de Paulo na mesma categoria das demais Escrituras (2Pe 3:16).⁶ Com esses usos, ficou sinalizado que as Escrituras inspiradas por Deus eram sua única fonte de genuíno conhecimento teológico.

Outra evidência disso é o reiterado uso da expressão *gégraphai* (“está escrito”) no Novo Testamento, que ocorre cerca de cem vezes em alusão às Escrituras.⁷ Estando sob inspiração, os escritores bíblicos destacaram esse uso como a única fonte autoritativa para compreensão e vivência de toda a mensagem revelada e inspirada por Deus. A isso se pode chamar de princípio bíblico *sola Scriptura*, reconhecendo que o texto bíblico reivindica seu próprio conteúdo como único critério para sua interpretação.

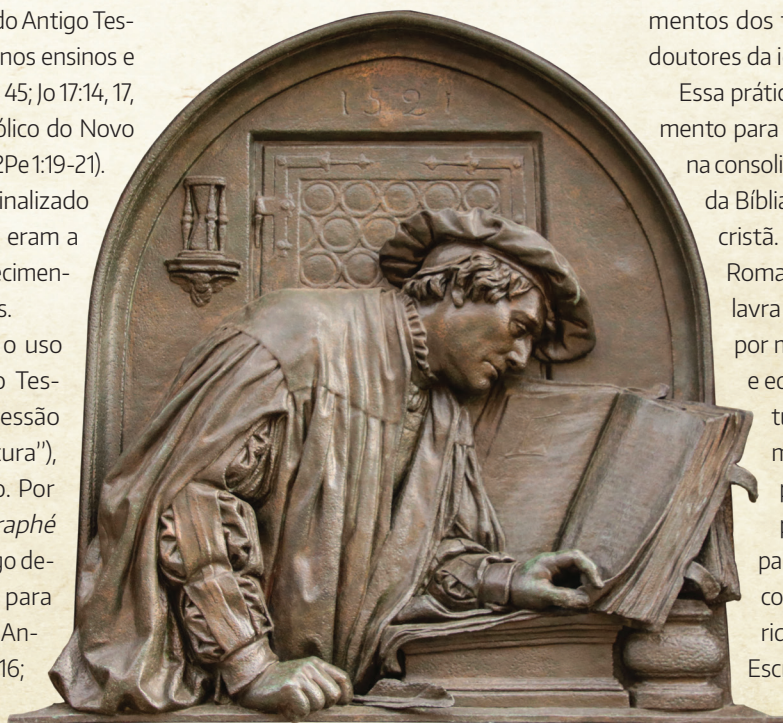
Sola Scriptura e o período pós-apostólico

Enquanto os apóstolos viveram, eles se esforçaram para que a igreja se mantivesse

fiel ao princípio *sola Scriptura* e a suas regras interpretativas resultantes. Inclusive combateram ideias de fontes estranhas à Palavra de Deus, as quais ameaçavam a pureza doutrinária da recém-nascida igreja cristã (1Tm 1:3, 4; 4:13-16; 1Pe 2:1-3; 1Jo 2:18-26). Entretanto, a partir do segundo século, os intérpretes da Bíblia adotaram outras fontes de dados teológicos⁸ e suas ideias não bíblicas.⁹ Os apologetas foram os primeiros a fazer isso.¹⁰ Com o objetivo de minimizar ou conciliar “o choque e o mútuo desprezo entre a fé cristã e a filosofia, foi se produzindo o sincretismo de ideias cristãs e filosóficas”.¹¹ Com essa prática, a filosofia de origem não bíblica passou gradualmente a ser aceita como ferramenta útil para a interpretação e o ensino bíblico.¹² Chegou a ser dito que a Bíblia teria quatro diferentes sentidos (literal, alegórico, moral, escatológico), o que ficou conhecido como quadrígia.¹³

Os chamados Pais da Igreja e os demais teólogos medievais, com raras exceções, seguiram na mesma linha. Jerônimo e Agostinho aceitaram a filosofia cultural (greco-romanismo) e a experiência mística. Tomás de Aquino aceitou três fontes de autoridade que, segundo ele, também tinham origem na revelação: “os ensinamentos dos filósofos, as Escrituras e os doutores da igreja”.¹⁴

Essa prática medieval serviu de fundamento para que a Igreja Católica Romana consolidasse sua perspectiva acerca da Bíblia e de seu papel para a igreja cristã. Ainda hoje, para a igreja de Roma, a autoridade vem da “Palavra de Deus”, que se manifesta por meio de duas fontes distintas e equivalentes em valor: a Escritura e a tradição,¹⁵ cabendo ao magistério da igreja sua interpretação. Como dirigente supremo desse magistério, o papa, quando fala *ex cathedra*, é considerado como tendo autoridade equivalente à da própria Escritura e da tradição, podendo



inclusive reinterpretá-la. A interpretação da Bíblia ocorre segundo a “tradição da fé”¹⁶ e não segundo a própria Escritura. Dessa forma, atualmente o princípio *sola Scriptura* continua sendo absolutamente rejeitado no meio católico-romano.¹⁷

Sola Scriptura e a Reforma Protestante

A Reforma Protestante foi o primeiro movimento que desafiou radicalmente “o confinamento católico das Escrituras à hermenêutica da tradição”.¹⁸

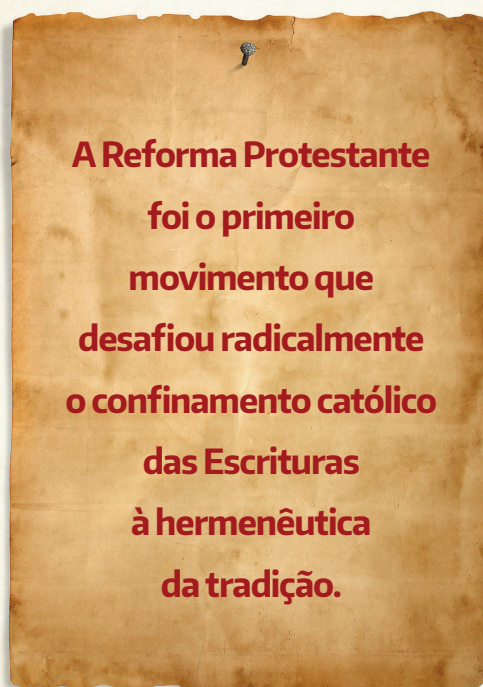
O movimento envolveu os chamados pré-reformadores (Wycliffe, Huss e Jerônimo), os reformadores magisteriais (Lutero, Zuínglio e Calvino) e os reformadores radicais (anabatistas e puritanos). Com sensíveis diferenças de compreensão, em geral, eles concordavam em seu apreço pelas Escrituras e pelo que consideravam ser uma porção aceitável da tradição.¹⁹

O *sola Scriptura* se tornou o “grito de guerra dos reformadores”.²⁰ A primeira alusão pública a esse conceito parece ter sido feita por Lutero no debate de Leipzig (1519) e, mais tarde, foi reafirmada em Worms (1521).²¹ Assim, Lutero e os demais reformadores manifestaram sua convicção de que “a Escritura é a única autoridade”.²² É *norma normanda* (norma determinante) e não *norma normata* (norma determinada). Para eles, o *sola Scriptura* apontava para a autoridade final das Escrituras e não sua exclusividade.²³ Nessa perspectiva, aceitava-se outras fontes de autoridade, desde que a Bíblia fosse considerada a medida final de validação das demais fontes.²⁴

Para esses reformadores, “*sola Scriptura* nunca significou que os únicos recursos que o cristão precisa para entender bem a Palavra de Deus são a Bíblia e o Espírito Santo”.²⁵ Consideraram “a história, os conselhos, os credos e a tradição da igreja, incluindo os escritos dos pais”,²⁶ como fontes elementares válidas de dados teológicos. Lutero aceitou parte da tradição e a

experiência pessoal como fontes de conhecimento teológico,²⁷ e Calvino se mostrou simpático a duas fontes: parte da tradição teológica e das interpretações filosóficas.²⁸

Tal perspectiva fez com que Lutero privilegiasse os livros que, segundo ele, mostravam Cristo, e questionavam a canonicidade de Hebreus, Tiago, Judas e Apocalipse,²⁹ o que levou ao estabelecimento de um “cânon dentro do cânon”.³⁰ De fato, os reformadores contribuíram grandemente para reconhecer na Bíblia seu valor obscurecido



pelas práticas interpretativas medievais. Contudo, o *sola Scriptura* dos reformadores não correspondeu amplamente ao *sola Scriptura* bíblicamente reivindicado.

Sola Scriptura e avivamento evangélico

Em sua perspectiva avivalista, Wesley parece ter tido uma compreensão do *sola Scriptura* sensivelmente distinta em relação a dos reformadores. Para ele, essa expressão indicava as Escrituras como fonte primária de dados teológicos entre as demais, que “inclui tradição, razão e experiência como autoridades adicionadas à Escritura”.³¹ A essa perspectiva, deu-se o

nome de “quadrilátero wesleyano”. Assim, enquanto os reformadores situavam a Bíblia como autoridade final do processo de interpretação, Wesley a via como critério inicial do mesmo processo, o importante ponto de partida ao qual se acrescentaria as demais fontes.

Essa ideia influenciou fortemente os avivamentos inglês e norte-americano. A partir daí, os teólogos protestantes e evangélicos fazem alusão ao princípio *sola Scriptura*, significando-o de forma intercambiável, ora como “autoridade final das Escrituras” ora como “primazia das Escrituras”, buscando destacar sua autoridade suprema. Dessa forma, assim como os reformadores e avivalistas, seus herdeiros – protestantes e evangélicos – concordam que as Escrituras têm autoridade fundamental, ou seja, têm a supremacia em matéria de fé e prática cristã,³² embora lhe atribuam diferentes papéis no processo interpretativo. Portanto, nenhuma pretensa autoridade está acima das Escrituras, ainda que outras fontes possam ser aceitas em concomitância com elas.

Sola Scriptura no contexto adventista

Os pioneiros adventistas viram a Reforma Protestante com apreciação e discernimento. Entenderam o *sola Scriptura* do contexto da Reforma como sendo o “grande princípio protestante – a Bíblia, e a Bíblia só, como regra de fé e prática”.³⁴ Eles reconheceram o importante papel dos reformadores para o início do restabelecimento da autoridade das Escrituras na igreja cristã. Entretanto, tiveram discernimento para reconhecer que, ao se manterem em certa medida influenciados por outras fontes, os reformadores também cometeram erros interpretativos.³⁵ Assim, a Reforma foi o começo de um processo de restauração, cujo avanço ficou limitado. Por essa razão, os pioneiros adventistas buscaram entender e aplicar o *sola*

Perspectivas do princípio interpretativo *sola Scriptura*³³

Período	Apostólico	Pós-apostólico e Medieval	Reforma Protestante	Avivalista
Significado	Exclusividade das Escrituras	Fusão das Escrituras	Autoridade final das Escrituras	Primazia das Escrituras
Fontes de dados	Unicamente o Antigo Testamento (AT) e o Novo Testemunho Inspirado (NT) acerca dos ensinamentos de Cristo.	Escrituras combinadas às fontes de ideias extrabíblicas (tradição pós-apostólica, filosofia e experiência mística).	As fontes mistas de teologia (parte da tradição, a razão e a experiência) submetidas à autoridade das Escrituras e assim validadas.	As Escrituras seguidas das fontes mistas de teologia (tradição, razão e experiência) e complementadas por estas últimas.

Scriptura de acordo com a reivindicação bíblica das Escrituras como a única fonte de conhecimento teológico. De maneira geral, essa mesma compreensão tem sido mantida no meio adventista. Há consenso de que em Sua Palavra “Deus conferiu à humanidade o conhecimento necessário para a salvação”.³⁶

Conclusão

A Reforma Protestante foi o importante marco inicial na restauração do significado e da aplicação do princípio bíblico interpretativo da exclusividade das Escrituras como fonte de dados teológicos. Entretanto, o valioso esforço feito pelos reformadores não foi suficiente para que a leitura e aplicação do texto sagrado fossem totalmente ajustadas às próprias reivindicações bíblicas.

Portanto, se por um lado é honroso comemorar 500 anos da Reforma e do que esse importante movimento representou e ainda representa para o cristianismo, por outro, é urgente refletir sobre as razões desse processo não ter sido ainda concluído. O princípio *sola Scriptura* encontra-se no cerne da questão. Conforme indagou Norman Gulley, “esta é a crise [...] hoje. É a Bíblia sua própria intérprete?”³⁷ Como leitores-intérpretes das Escrituras, somos desafiados nessa importante tarefa, conscientes de que a melhor maneira de celebrar a Reforma é, de fato, continuá-la! **FM**

Referências

- Martinho Lutero, *Martinho Lutero: Obras selecionadas*, “Os primórdios – Escritos de 1517 a 1519”, 2ª ed. (São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2004), v. 1, p. 21-29.
- W. Walker, *História da Igreja Cristã*, 3ª ed. (São Paulo: ASTE, 2006), p. 494-497.
- Lutero, p. 215.
- J. M. Frame, *A History of Western Philosophy and Theology*, 1ª ed. (Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2015), p. 754.
- D. Mangum, *The Lexham Glossary of Theology* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014).
- Geoffrey W. Bromiley, ed., *The International Standard Bible Encyclopedia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), v. 4, p. 361.
- Conforme informado por Guide Passage e Exegetical Guide, *lemma gegraptoi*, pesquisado em Logos Bible Software.
- Jaroslav Pelikan, *A Tradição Cristã. Uma História do Desenvolvimento da Doutrina*, “O surgimento da Tradição Católica 100-600” (São Paulo: Shedd, 2014), v. 1, p. 66-70.
- E. M. Humphrey, *Scripture and Tradition: What the Bible Really Says* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2013), p. 163.
- B. Hägglund, *História da Teologia*, 8ª ed. (Porto Alegre: Concórdia, 2014), p. 22, 23.
- Raúl Kerbs, *El Problema de la Identidad Bíblica del Cristianismo. Las Presuposiciones Filosóficas de la Teología Cristiana – Desde los Presocráticos al Protestantismo* (Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata; Adventus, Editorial Universitaria Iberoamericana, 2014), p. 306.
- Alan Hauser e Duane F. Watson, *A History of Biblical Interpretation: The Ancient Period* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003), v. 1, p. 304-333.
- Augustus Nicodemus Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013), 3ª ed., p. 150.
- Justo L. Gonzalez, *Uma Breve História das Doutrinas Cristãs* (São Paulo: Hagnos, 2015), p. 231.

¹⁵ “The Interpretation of the Bible in the Church” (6 de janeiro de 1994), <<https://goo.gl/9f8HVt>>.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ D. Armstrong, *100 Biblical Arguments Against Sola Scriptura* (San Diego, CA: Catholic Answers Press, 2012).

¹⁸ Norman Gulley, *Systematic Theology: Prolegomena* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2003), p. 544.

¹⁹ C. S. Evans, *Pocket Dictionary of Apologetics & Philosophy of Religion* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002), p. 109.

²⁰ Gulley, p. 694.

²¹ K. A. Mathison, *The Shape of Sola Scriptura* (Moscow, ID: Canon Press, 2001), p. 95.

²² Gulley, p. 382.

²³ Christopher A. Hall, *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*, 2ª ed. (Viçosa: Ultimato, 2007), p. 19, 20.

²⁴ J. M. Boice, *Romans: God and History* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991), v. 3, p. 1.473.

²⁵ C. A. Hall, *Reading Scripture with the Church Fathers* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 13, 14.

²⁶ Ibid.

²⁷ Gonzalez, p. 234; Kerbs, p. 573.

²⁸ Kerbs, p. 597.

²⁹ C. H. Scobie, “History of Biblical Theology”, *New Dictionary of Biblical Theology*, ed. eletrônica (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), p. 12.

³⁰ Richard M. Davidson, “Homosexuality and the Bible: What Is at Stake in the Current Debate”, em R. E. Gane, N. P. Miller e H. P. Swanson, eds., *Homosexuality, Marriage, and the Church: Biblical, Counseling, and Religious Liberty Issues* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2012), p. 190, 191.

³¹ Gulley, p. 557.

³² W. R. Godfrey, “What do We Mean by Sola Scriptura?” em D. Kistler, ed., *Sola Scriptura: The Protestant Position on the Bible* (Lake Mary, FL: Reformation Trust Publishing, 2009), p. 2.

³³ Carlos F. Teixeira, *Sola Scriptura: Reflexões Temáticas Introdutórias Acerca dos Significados dessa Expressão* (Engenheiro Coelho, SP: Academia Teológica, 2016), p. 13-57.

³⁴ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 204, 243, <egwwritings.org>.

³⁵ Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 450, <egwwritings.org>.

³⁶ Extraído da Declaração Oficial de Crenças dos Adventistas do Sétimo Dia, <<https://goo.gl/LUss9h>>.

³⁷ Gulley, p. 595.



Cortezia do autor

Carlos Flávio Teixeira, doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), é professor de Teologia na Faculdade Adventista da Bahia

Se não fosse a **graça**

O princípio *sola gratia* é uma lembrança de que a salvação não depende de méritos humanos, mas se fundamenta em Jesus

Carlos Olivares

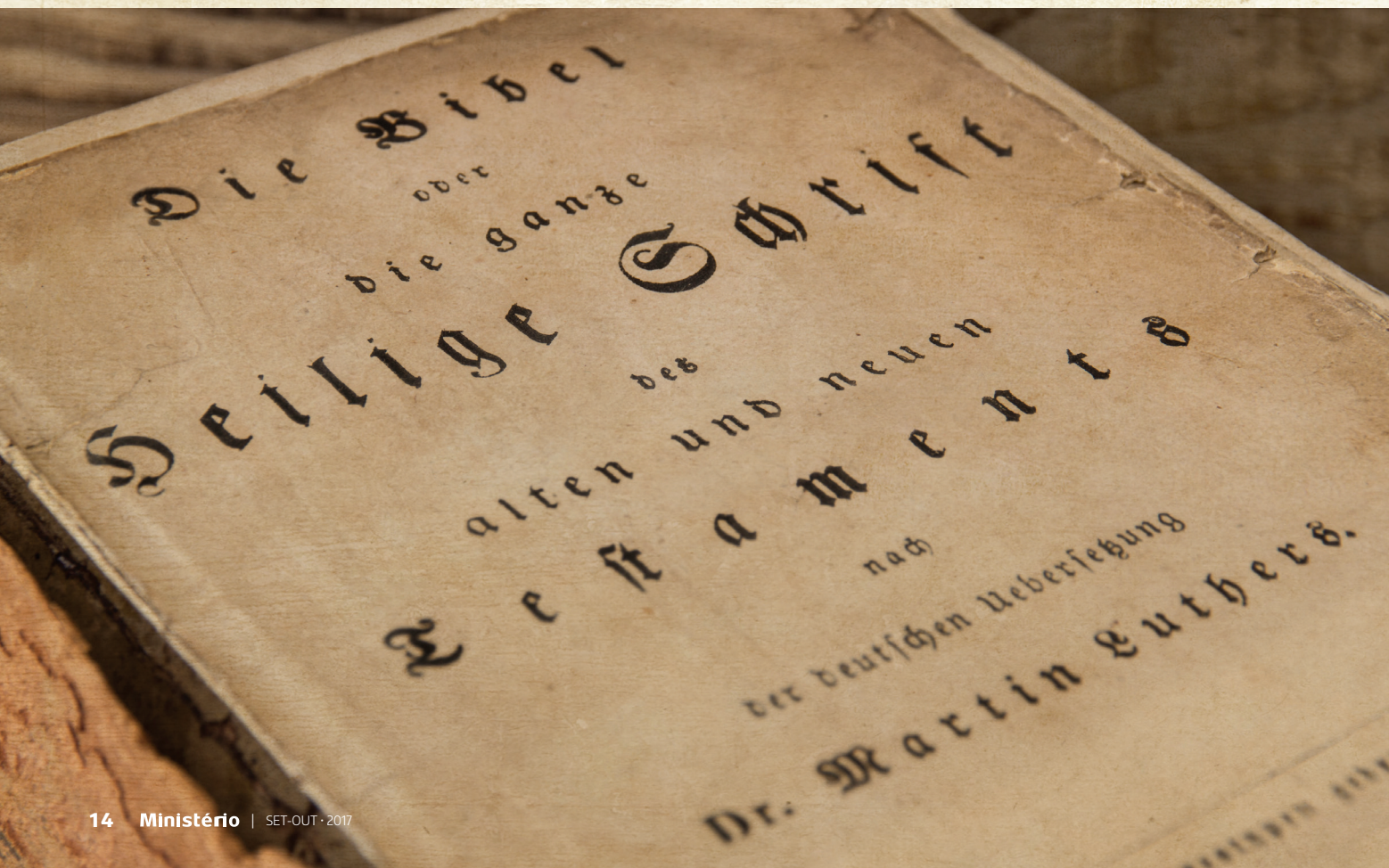


Em latim, a expressão *sola gratia*, um dos pilares fundamentais da Reforma, significa “somente pela graça”. O termo expõe a noção de que a salvação só pode ser obtida por meio de Jesus, sem a necessidade de mérito humano.¹ No campo das religiões comparadas, esse conceito surge como único, quando contrastado com crenças não cristãs, ao fazer de Cristo o centro dessa obra salvadora.² Assim, não existe graça sem Jesus, ainda mais se Seu sacrifício na cruz não é proclamado.

O propósito deste artigo é analisar o princípio *sola gratia* conforme é encontrado na epístola aos Romanos. Essa carta não somente apresenta o plano da salvação de forma esclarecedora, como também expõe nitidamente o significado da graça.

O princípio *sola gratia*

Em Romanos 3:21 a 26 encontramos a síntese completa do plano divino para salvar o mundo. Paulo declarou que a justiça de Deus se manifestou por meio da fé em Jesus (Rm 3:21, 22). Isso significa que o Senhor trata o pecador como alguém inocente, declarando-o justo “mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (3:24-26).³ Se Deus passa por alto o pecado de todo aquele que crê em Seu Filho, isso implica que o ato redentor ignora as obras humanas. É um presente. Dessa maneira, para entender o princípio *sola gratia*, é preciso primeiro reconhecer nossa culpa.



A condição humana

É essencial, no pensamento paulino, admitir que a justiça humana não tem lugar no plano da salvação (cf. Sl 51:5; Ec 7:20; 1Jo 1:10). O apóstolo afirmou: “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23). Para os leitores de Romanos, essa avaliação negativa do ser humano, em termos universais, não é nova. Isso porque Paulo falou sobre a condição pecaminosa da natureza humana em passagens anteriores de sua carta (1:18–3:20).

A esse respeito, Romanos 3:9 é um versículo-chave. Nessa passagem, o autor declarou que a humanidade, representada por gentios (1:18–32) e judeus (2:17–3:8), está “debaixo do pecado” (*hyph' hamartian*). A expressão não significa que homens e mulheres são pecadores só porque cometem atos pecaminosos. Pecado, na visão paulina, não é somente um “ato ilegal”, mas também um “poder” ao qual todo ser humano está sujeito.⁴

Sempre que a preposição grega *hypho*, que se traduz como “debaixo” em Romanos 3:9, é seguida por um substantivo acusativo (*hyph' hamartian*), descreve situações em que o sujeito não está livre, mas debaixo do domínio de algo ou alguém (Lc 7:8; Mt 8:9; 1Co 9:20; 3:10; Gl 4:2, 4; 5:18).⁵ A noção de pecado em Romanos claramente aponta nessa direção. O pecado escraviza o ser humano (Rm 6:6), reina sobre seu corpo (6:12) e tem o poder de subjugar sua vida (6:14).⁶ Assim, ele exerce seu domínio sobre homens e mulheres desde seu interior, afetando-os completamente (Rm 7:17; cf. Mt 15:19; Mc 7:20–22).⁷

Usando diferentes porções da Bíblia Hebraica (Sl 5:9; 10:7; 14:1–3; 36:1; 53:1–3; 140:3; Is 59:7, 8), Paulo enfatizou o estado dramático da humanidade (Rm 3:10–18). Ele argumentou que não há nenhum justo sequer (3:10). De fato, ninguém busca a Deus (3:11) nem faz o bem.

Para tornar ainda mais explícita essa condição adversa, o apóstolo usou a imagem do corpo humano (3:13–18). A primeira figura desse quadro simbólico está

vinculada ao ato de falar, que Paulo estruturou em uma cadeia conceitual de dentro para fora (3:13, 14).⁸ O percurso começa na garganta, o “sepulcro aberto”; segue com a língua, com a qual “urdem engano”; passa pelos lábios, “veneno de víbora está nos seus lábios”; e termina na voz, “a boca eles a têm cheia de maldição e amargura”. A função conjunta desses elementos permite que os seres humanos se comuniquem. Tal comunicação, no entanto, é expressa de maneira hostil, enfatizando que a origem da maldade verbal e comportamental é parte intrínseca do discurso humano.

Então, o movimento do pensamento paulino se move para o extremo oposto dos órgãos vocais. Concentrando-se primeiro nos pés (3:15–17), volta-se rapidamente à cabeça, dessa vez aos olhos (3:18).⁹ Ao retratar os pés (3:15–17), Paulo usou imagens que refletem ações humanas violentas, “são seus pés velozes para derramar sangue”. Ao mencionar os olhos, ele acusou a humanidade de não temer a Deus (3:18). Em ambos os casos, o pecado é o centro da motivação de um coração corrupto, separado do Senhor, e que se concentra em atos maus (cf. Gl 5:19–21).

Usando a figura dos órgãos superiores e inferiores do corpo humano, Paulo mostrou que todos estamos contaminados pelo pecado da cabeça aos pés. É uma depravação total, sem exceção (3:19), que tem como causa não somente atos perversos, mas também uma natureza corrompida, inclinada para o mal.

A gratuidade da graça

Essa condição tétrica que nos priva da glória de Deus (Rm 3:23) não impede que Ele tome a iniciativa de nos salvar, pois como declarou Paulo, os seres humanos são justificados “gratuitamente” por Sua graça (Rm 3:24). Um exame das palavras “gratuitamente” e “graça” contribui para que o princípio *sola gratia* seja exposto em sua totalidade.

O advérbio “gratuitamente” é a tradução do vocábulo grego *dōrean*, usado na

Septuaginta (Gn 29:15; Êx 21:2, 11; Nm 11:5)¹⁰ e nos escritos de Josefo (*Antiguidades Judaicas*, 5.2.3; 8.6.1),¹¹ para descrever ocasiões em que alguém recebe algo sem ter pago por isso (cf. Mt 10:8; 2Co 11:7; 2Ts 3:8; Ap 21:6; 22:17).¹² O termo descreve um dom gratuito.

Por sua vez, o substantivo “graça” inclui a tradução da palavra grega *charis*. Ela pode ter mais de um significado. No Novo Testamento, por exemplo, pode ser entendida como gratidão (Lc 17:9; 1Co 15:57), belas palavras (Lc 4:22), favor (At 24:27; 25:9), presente (1Co 16:3), mérito (Lc 6:32), privilégio (2Co 8:4), estima (At 2:47),¹³ entre outros.¹⁴

Embora haja casos em que o termo inclua vários significados (Sl 44:3 [45:2]; Pv 1:9; 4:9; 5:19), na Septuaginta ele é usado principalmente no sentido de favor (1Sm 1:18; 16:22; 14:22; 2Sm 14:22; Rt 2:2, 10, 13; Et 8:5).¹⁵ Contudo, para que esse significado ganhe força, *charis* deve ser traduzido da locução hebraica *hēn* que, normalmente, quer dizer favor; embora em algumas ocorrências possa ter sentido de favor imerecido. Esse é o caso de Noé e Moisés, que foram escolhidos de um grupo maior de pessoas para uma finalidade específica (Gn 6:8; Êx 33:17). Deus tomou a iniciativa concedendo-lhes o dom.

A compreensão dessas palavras no contexto semântico de Romanos 3:21 a 26 sugere que a justiça divina é um dom. Ao enfatizar que a justificação ocorre “gratuitamente” pela “graça”, Paulo quis destacar que a justiça de Deus é concedida “por meio da redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3:24, NVI), e não devido a algum ato meritório de nossa parte.

As obras da lei, nessa equação, são inúteis (Rm 3:27, 28), porque somos declarados justos ao crer em Jesus (v. 24). Isso significa que os delitos de nossa vida antes de aceitar a Cristo foram perdoados imerecidamente sem que tivéssemos quitado qualquer dívida, pois esta foi paga por Jesus (Rm 3:24; 4:24, 25). Desse modo, é um ato de fé, fundamentado *sola gratia* de Deus.

Paulo citou o exemplo de Abraão, o qual creu antes de ser circuncidado. O patriarca “creu”, declara a Bíblia, e isso lhe foi imputado como justiça (Gn 15:6; Rm 4:1-3). Suas obras (circuncisão) não foram a fonte da justiça, mas a graça do Senhor. Do mesmo modo, Paulo citou Davi, que deu glória a Deus por atribuir a homens e mulheres Sua justiça sem obras (Rm 4:6). Ele usou o Salmo 32, salientando que o perdão divino não resulta do comportamento humano, mas da graça divina (Sl 32:1, 2). É Deus, não o ser humano, que perdoa a iniquidade, cobre os pecados e nos absolve da culpa (Rm 4:7, 8). A salvação não é obtida por meio da ação humana (Rm 4:4). Pelo contrário, “ao que não trabalha, porém crê Naquele que justifica o ímpio, sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4:5).

O abuso da graça

O princípio *sola gratia*, no entanto, não deve ser mal-interpretado. Embora Deus justifique o pecador, Ele não o estimula a pecar para que a graça transborde (Rm 6:1, 2; cf. 5:20). Pelo contrário, a exortação é para que o crente “morra para o pecado” e viva uma nova vida em Jesus (Rm 6:2-4). Ao dizer isso, Paulo quis evitar que seus leitores pensassem que ao ser salvos estavam autorizados a andar nos mesmos caminhos que trilharam antes. Embora a salvação seja um dom, o cristão deve manifestar, em resposta, uma vida de acordo com seu novo status em Jesus.

Ao imitar a morte e ressurreição de Cristo por meio do batismo, crucificamos o “velho homem”, a fim de que este não permaneça escravo do pecado (Rm 6:5-11). Isso significa que o pecado não mais deve reinar na vida do cristão (Rm 6:12, 13). O chamado, no entanto, é para se apresentar diante de Deus “como quem voltou da morte para a vida”, oferecendo “os membros do corpo [...] como instrumentos de justiça” (Rm 6:13, NVI).

Ao não mais estar debaixo do poder da lei como meio de condenação e salvação, mas debaixo da graça, o pecado não pode nos dominar (Rm 6:14). Embora a lei continue em vigor (Rm 3:31), ela não tem o poder de salvar.¹⁶ Isso não significa que o cristão deve viver sem a lei de Deus, estando assim livre para pecar. “De maneira nenhuma!”, disse Paulo (Rm 6:15). A lei é santa (Rm 7:12) e serve de guia para revelar o pecado (Rm 3:20). O cumprimento da lei é amar o próximo (Rm 13:8); uma declaração que se fundamenta na segunda parte do Decálogo e se resume na frase amar ao próximo como a nós mesmos (cf. Rm 13:8-10; Mt 19:19; 22:39; Lv 19:18). Paulo deixou claro que a lei não é um artigo ultrapassado (Rm 13:10).

O fato de estar vivendo sob a graça implica que não devemos nos comportar como fazíamos no passado. Estar debaixo da graça envolve submeter-se à vontade do Pai e viver “como o novo modo do Espírito” (Rm 7:6, NVI). Deus nos libertou do pecado, tornando-nos servos e servas da justiça (Rm 6:15-22). Entretanto, uma perspectiva desse tipo não significa que o cristão deve esperar que uma vida assim o torne merecedor da salvação. Paulo disse que somos justificados “pela fé sem as obras da lei” (Rm 3:28). Contudo, a vida no Espírito nos faz filhos e filhas de Deus (Rm 8:14), algo confirmado ao trilharmos o caminho da graça (Rm 8:1-27). Consequentemente, tendo sido libertados do pecado, temos nosso “fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna” (Rm 6:22).

Conclusão

O princípio *sola gratia* significa que a salvação é um dom imerecido que Deus outorga a todo aquele que crê em Jesus como Salvador. O ser humano por si mesmo não pode ser salvo. No entanto, o Senhor vem em seu auxílio, toma a iniciativa e gratuitamente oferece a redenção por meio do sacrifício de Jesus.

Por outro lado, viver sob a graça divina não significa permanecer no mesmo modo de vida do passado. Paulo nos exortou a ser transformados (Rm 12:1, 2) e a caminhar na experiência da graça, produzindo frutos para a glória de Deus (Rm 12:11-14). **M**

Referências

- ¹ John W. Behnken, “*Sola gratia*”, *CTM* 23 (1952), p. 750-752.
- ² F. E. Mayer, “No *sola gratia* without *solus Christus*”, *CTM* 22 (1951), p. 676-680.
- ³ Salvo indicação contrária, a versão bíblica utilizada foi a Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- ⁴ Thomas R. Schreiner, *Romans* (Grand Rapids: Baker, 1998), p. 164; Leon Morris, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), p. 166.
- ⁵ W. Bauer et al., *A Greek-English of the New Testament and other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 2000), p. 1.036.
- ⁶ Schreiner, *Romans*, p. 164.
- ⁷ John M. Fowler, “Pecado”, em Raoul Dederen, ed., *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 278.
- ⁸ Douglas Moo, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 203.
- ⁹ Joseph A. Fitzmyer, *Romans* (Nova York: Doubleday, 1993), p. 335.
- ¹⁰ 1Sm 25:31; 2Sm 24:24; 1Rs 2:31; 1Cr 21:24; 1Mac 10:33; Sl 34:7; 108:3; 119:7; Jó 1:9; Sir 20:23; 29:6, 7; MI 1:10; Is 52:3, 5; Jr 22:13; Lm 3:52.
- ¹¹ Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 12.2.3; 12.4.9; 14.14.1; 15.6.3; 16.10.1; 17.5.3; 17.11.5; *A Guerra dos Judeus* 1.14.1; 2.6.3; *Vida de Flávio Josefo* 9, p. 76.
- ¹² Bauer, *A Greek-English of the New Testament*, p. 266.
- ¹³ T. David Andersen, “The Meaning of EXONTEI XAPIN IIOZ in Acts 2.47”, *NTS* 34 (1988), p. 604-610.
- ¹⁴ D. C. Arichea, “Translating ‘Grace’ (*charis*) in the NT”, *BT* 29 (1978), p. 201-206.
- ¹⁵ H. H. Esser, “Grace, Spiritual Gifts”, *NIDNTT*, v. 2, p. 116.
- ¹⁶ Mario Veloso, “A Lei de Deus”, em Raoul Dederen, ed., *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 526.



Cariliana do autor

Carlos Olivares, doutor em Teologia (The University of Auckland), é professor na Universidad Adventista de Bolívia

Justiça pela fé

A importância do conceito *sola fide* na compreensão da dinâmica da salvação

Glauber S. Araújo



Quinhentos anos se passaram desde que Martinho Lutero, o renomado reformador alemão, pregou suas 95 teses contra as indulgências na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha. Seu protesto contra os abusos da Igreja Católica se tornou o marco de um movimento cujo clamor, *sola fide* (somente pela fé), permanece até hoje como a doutrina principal da Reforma – a justificação pela fé.

Para Lutero, esse assunto era tão importante que ele chegou a afirmar que, “se esse

artigo (a justiça pela fé) se sustentar, a igreja será capaz de se sustentar; se o artigo cair, a igreja cairá”¹.

Essa percepção também foi compartilhada por grandes reformadores, como João Calvino, de Genebra. Para ele, a justificação era “o ponto principal sobre o qual a religião (cristã) se sustém”².

Segundo Alister McGrath, professor de Teologia Histórica na Universidade de Oxford, “poucas ideias têm a capacidade de dismantelar grandes instituições e inverter o julgamento de gerações anteriores”³. A justificação pela fé, conforme defendida por Lutero, foi uma delas. Ela não apenas golpeou a igreja institucionalizada da Idade Média como também instituiu uma nova forma de ver o indivíduo e a sociedade. Para começar, o ensino da fé permitiu um relacionamento libertador entre a humanidade e Jesus Cristo, inaugurado pela morte e ressurreição do Salvador e não pela vida justa e penitencial do cristão. O fiel não precisava mais da igreja como intermediária para ter acesso a Deus, muito menos de santos. Ele passou a obter, pela fé, acesso direto ao trono de Deus e justificação imediata das mãos de Cristo. Desse modo, todo o sistema teológico levantado pela Igreja Católica durante a Idade Média, envolvendo penitências, confissões, missas, venda de indulgências e o purgatório, foi lançado por terra em um só golpe.⁴

Entretanto, não devemos cair no erro de achar que esse foi um assunto que atraiu a atenção do cristianismo somente a partir do século 16. Teólogos católicos debateram por séculos acerca do significado da justificação. Um deles, Agostinho de Hipona, acabou se tornando um dos nomes mais influentes



Porta da Igreja do Castelo de Wittenberg

do catolicismo, chegando a nortear, inclusive, muito da teologia protestante sobre a justificação pela fé.

Agostinho e a Igreja Medieval

É amplamente divulgada a noção de que, enquanto os reformadores defendiam a doutrina da justiça pela fé, a igreja medieval, inspirada por Agostinho, defendia a justiça pelas obras. Entretanto, Agostinho advogava a salvação pela graça, não pelas obras. Para ele, o ser humano estava eternamente condenado à morte, devido à sua natureza pecaminosa. Sua capacidade de escolher livremente havia sido completamente perdida desde a queda. Isso veio a se tornar conhecido como a teologia do “pecado original”. “A regeneração de um indivíduo só pode ser efetuada pela obra sobrenatural do Espírito Santo. Um pecador não é capaz nem mesmo de cooperar com essa obra. A salvação é puramente um dom de Deus.”⁵

Contudo, a questão crucial nessa discussão é que Agostinho diferia dos reformadores na interpretação do conceito de justificação. Para ele, o termo “justificar” significava “tornar justo”, em vez da compreensão protestante de “declarar justo”.⁶ Esse conceito agostiniano dominou a Igreja Católica por séculos, consolidando o ensino de que, antes de ser tido justo por Deus, o cristão deve primeiro *se tornar* justo. Conforme explica Alister McGrath, “do tempo de Agostinho em diante, a justificação sempre foi entendida como se referindo tanto ao evento de ser declarado justo como ao processo de ser tornado justo”.⁷

Ao analisarmos essa percepção, fica evidente que, para o catolicismo, aquilo que os protestantes posteriormente vieram a chamar de santificação (purificação e abandono do pecado), fazia parte do processo chamado justificação. Tendo consolidado essa teologia, todo o sistema medieval de penitências, confissões, missas e indulgências era entendido por católicos como mecanismos da graça divina

que deviam ser empregados para habilitar o cristão a viver uma vida de pureza e santidade.

Reforma e justificação

Diferentemente de Agostinho, os reformadores entendiam a justificação como sendo uma declaração de mudança do status do pecador *perante* Deus. Antes de transformar o pecador, Ele o declara justo; não porque o ser humano vive em santidade, mas porque Deus o enxerga *como se ele assim vivesse*. “Em outras palavras, a justiça de um fiel não é intrínseca, mas extrínseca; é declarada, em vez de inerente.”⁸ Por isso, os reformadores se referiam a essa justificação como sendo *forense* ou *passiva*.⁹ Ao contrário da alegação católica de que o cristão deveria demonstrar obras de justiça para ser declarado justo, a pregação evangélica afirmava que o cristão permanecia passivo enquanto recebia a justiça de Deus, sendo assim, “pela graça”.¹⁰

Conforme o ensino católico, o perdão de pecados era obtido por meio de obras, fossem elas de caridade ou penitência, o que nos leva a questionar a legitimidade da afirmação de Agostinho. Em contrapartida, a mensagem protestante eliminava por completo a intermediação da igreja no processo de salvação e liberava o acesso direto do pecador a Deus.

Foi com o objetivo de não reproduzir a confusão provocada pelo sistema católico que os reformadores enfatizaram que a justificação acontece *somente* pela fé. Lutero, em sua tradução do texto de Romanos 3:28, acrescentou intencionalmente a palavra “somente” para reforçar seu significado original.¹¹

Simul iustus et peccator

Os reformadores entendiam que, no momento em que o cristão é declarado justo, ele continua sendo pecador. Lutero afirmou que “o cristão é simultaneamente justo e pecador, santo e profano, inimigo de Deus e filho de Deus”.¹² Em outras palavras, o pecador não é transformado,

mas é perdoado.¹³ A partir do momento em que é justificado, ele recebe um novo status legal perante Deus, embora ainda permaneça pecador.

Lutero exemplificou essa ideia da seguinte maneira: “É como um homem doente, que crê no médico que promete sua total recuperação. Enquanto isso, ele obedece às ordens do médico na esperança da recuperação prometida. [...] Ora, essa pessoa doente está bem? De fato, ela está tanto doente quanto bem ao mesmo tempo. Está doente na realidade, mas bem por causa da promessa segura do médico, em quem confia, e o qual o considera como já curado.”¹⁴ Note que a certeza da cura não se encontra no novo comportamento do paciente, mas na promessa do médico. A certeza da salvação do pecador se dá pela confiabilidade da promessa de Deus: “Crê [...] e serás salvo” (At 16:31).

Tal declaração enfurecia católicos, pois pensavam: “Como poderia alguém ser declarado justo sem que, *de facto*, fosse justo?” No entanto, devemos nos lembrar de que, assim como Calvino, “Lutero era fortemente predestinacionista”.¹⁵ Para eles, se Deus predestinou certo pecador para a salvação, essa declaração resulta na mesma coisa que o pecador ser de fato justo. O reformador alemão “falava da justificação como um acontecimento concluído” porque Deus assim o predeterminara.¹⁶ Para ambos, os salvos deveriam ter certeza de sua salvação não porque “se salvam a si mesmos”, mas “porque dependem unicamente de Cristo para salvação; e assim, sua fé lhes dá certeza, pois ela se prende e se apossa daquilo que Cristo é por nós”.¹⁷

De obras para fé

Nessa discussão, alguns podem achar que “fé”, em contraste com “obras”, era o novo esforço humano para obter a salvação das mãos do Redentor. No entanto, *sola fide* não significa que a fé é um substituto das obras. Segundo a perspectiva evangélica, fé não é o mecanismo de salvação, mas é por intermédio dela que o

pecador recebe a Cristo. “Apesar de a fé não ser nosso salvador ou nosso mérito, ela é o instrumento ou condição de salvação.”¹⁸ Conforme Calvino explicou, fé é meramente um conduto ou instrumento que capacita o pecador a se unir a Cristo.¹⁹

Para Lutero, a fé é o vínculo que une o pecador a Jesus. “Pecado, morte e danação passam a ser de Cristo; e graça, vida e salvação passam a ser do crente.”²⁰ Portanto, fé não é meramente um “assentimento a um conjunto abstrato de doutrinas”. É um compromisso “mútuo de união entre Cristo e o crente”.²¹

Adventismo e *sola fide*

Por décadas, os pregadores adventistas do sétimo dia, zelosos por exaltar o papel da obediência à lei de Deus, deixaram a fé em Cristo em segundo plano.²² Pioneiros como Urias Smith, José Bates e Tiago White colocavam a obediência em pé de igualdade com a fé. Tiago White, por exemplo, até chegou a ressaltar em uma edição de *The Present Truth* que “a guarda do quarto mandamento, [...] por si só, não salvará ninguém. Devemos guardar todos os Dez Mandamentos, seguir estritamente todas as orientações do Novo Testamento e ter uma fé em Jesus que seja viva e ativa”.²³ Embora ele tenha sido um dos poucos a tratar do tema da justificação pela fé antes de 1888, continuou equiparando a lei e a fé como mecanismos de salvação. José Bates, o primeiro líder adventista a guardar o sábado, chegou a afirmar que “a observância do santo sábado de Deus [...] salva a alma”.²⁴ Mesmo após a Assembleia de 1888, pioneiros como Urias Smith continuavam advogando a antiga posição: “a única maneira de alguém alcançar justiça [...] procede de estar em harmonia com a lei de Deus”.²⁵

Ellen G. White lamentou esse desequilíbrio quando escreveu que a “mensagem do evangelho de Sua graça” devia voltar a receber primazia, para que o mundo

evangélico cessasse de declarar “que os adventistas do sétimo dia falam na lei, na lei, mas não ensinam a Cristo nem Nele creem”.²⁶ “A raiz e causa de nossa justificação diante de Deus não é *nossa* obediência, mas a de Cristo.”²⁷

No entanto, a Igreja Adventista não pretende afirmar que proclama exatamente a mesma mensagem de justificação pela fé, como o fizeram os primeiros reformadores. No adventismo, ela abraçou um elemento inicialmente rejeitado por Lutero e Calvino – a regeneração. Para os adventistas, a justiça de Cristo implica mais do que uma mera transação legal – ela é “um poder regenerador”.²⁸ “É não somente perdão pelo pecado, mas livramento *do* pecado”.²⁹ Não se limita unicamente à justificação, mas inclui justificação e santificação. “Ser justo pela fé significa, no pleno sentido, que recebemos de Deus, tanto nosso título para o Céu (justificação) como nossa aptidão para o Céu (santificação).”³⁰

Além disso, o adventismo não concorda com Lutero e Calvino no que se refere à predestinação. A igreja acredita que a cada dia o cristão corre o risco de cair em pecado e perder sua salvação. Portanto, “todos nós precisamos *ser justificados diariamente* pela fé em Cristo, quer tenhamos transgredido conscientemente, quer tenhamos errado inconscientemente”.³¹ Dessa maneira, os adventistas não creem que Deus escolhe alguns para a salvação e predestina outros à eterna perdição. Jesus Cristo morreu na cruz pelos pecados de toda a humanidade e “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1Tm 2:4). Essa salvação nos é oferecida livremente pelos méritos de Cristo, e temos acesso a ela *sola fide*. **M**

Referências

¹ Martinho Lutero, *Weimarer Ausgabe* (Weimar: Verlag Hermann Böhlau Nachfolger, 1930) v. 40.3, p. 352.

² João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 3.111.

³ Alister McGrath, *A Revolução Protestante* (Brasília: Editora Palavra, 2012), p. 48.

⁴ *Ibid.*, p. 49, 50.

⁵ Raoul Dederen, *Tratado de Teologia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), p. 292.

⁶ Thomas R. Schreiner, *Faith Alone: The Doctrine of Justification* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2015), p. 34.

⁷ Alister McGrath, *O Pensamento da Reforma* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014), p. 153.

⁸ Schreiner, p. 43.

⁹ McGrath, *Pensamento*, p. 145.

¹⁰ Martinho Lutero, *Lectures on Galatians 1535: Chapters 1-4*, ed. Jaroslav Pelikan, *Luther's Works*, v. 26 (St. Louis, MO: Concordia, 1964), p. 8.

¹¹ Schreiner, p. 44.

¹² Lutero, *Lectures on Galatians*, p. 232.

¹³ Calvino, 3.116.

¹⁴ Lutero, *Weimarer Ausgabe*, v. 56, p. 272.

¹⁵ Dederen, p. 342.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ Schreiner, p. 46.

¹⁸ Hans. K. LaRondelle, *O que é Salvação?* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), p. 71.

¹⁹ Schreiner, p. 56.

²⁰ Citado em McGrath, *Pensamento*, p. 147. Cf. *Weimarer Ausgabe*, v. 7, p. 25, 26.

²¹ McGrath, *Pensamento*, p. 147.

²² George R. Knight, *Em Busca de Identidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), p. 103-105.

²³ Tiago White, “Dear Brethren and Sisters”, *The Present Truth*, julho de 1849.

²⁴ José Bates, *The Seventh Day Sabbath: A Perpetual Sign* (1847), p. 55.

²⁵ Urias Smith, *RH*, 11 de junho de 1889, p. 376, 377.

²⁶ Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 92.

²⁷ LaRondelle, p. 65.

²⁸ *Ibid.*, p. 70.

²⁹ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 114, ênfase acrescentada.

³⁰ Dederen, p. 345.

³¹ LaRondelle, p. 68.



Glauber S. Araújo, mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), é editor de livros na Casa Publicadora Brasileira

A singularidade de Jesus

A importância do princípio *solus Christus* em um mundo cada vez mais plural

Nilton Aguiar



O princípio *solus Christus* afirma que Jesus é o único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2:5; Jo 14:6). Ao lado de *sola gratia* e *sola fide*, *solus Christus* expressa a fé protestante de que “não há salvação em nenhum outro” além de Jesus (At 4:12). Numa era “que mais e mais está sendo chamada de pós-moderna”, e que “encontra-se à deriva em um mar de perspectivas pluralistas, de possibilidades filosóficas em excesso”,¹ mais do que nunca o ensino bíblico a respeito da singularidade da pessoa de Cristo deve estar claro em nossa mente. De fato, porque Jesus é singular e exclusivo, Sua obra é toda-suficiente. Assim, a Bíblia ensina que somos salvos com base no que Jesus *é* e naquilo que Ele *faz* por nós.

As Escrituras dão testemunho acerca da plena divindade de Cristo ao mesmo tempo em que afirmam que Ele foi plenamente humano. Esse é um mistério insondável para a mente humana, que aceitamos pela fé. Ao vir ao mundo, Jesus tinha total consciência de Sua identidade e missão. Isso se demonstra por suas ações registradas nos Evangelhos. Além disso, Paulo e os demais apóstolos deixaram claro em suas cartas seu reconhecimento de que Cristo era o Filho de Deus encarnado.

A autoconsciência de Cristo

Jesus declarou que o AT apontava para Ele (Jo 5:39; cf. Lc 24:27). Essa não é uma afirmação comum. Cristo alegava ser o cumprimento de “todos os tipos e sombras do Messias no AT, e que Ele é também o Filho eterno, identificado com o Senhor da Aliança e, portanto, Deus – igual ao Pai em todos os sentidos”.² Assim, é impossível esgotar tudo o que a Bíblia fala sobre Sua singularidade. Apresentaremos apenas alguns poucos exemplos.

Jesus era ainda um juvenil quando Se referiu a Deus como Seu Pai pela primeira

vez (Lc 2:42, 49). Nos Evangelhos, Ele faz isso quase 50 vezes. A Bíblia explica o significado dessa expressão a partir do relato de João sobre uma controvérsia entre Cristo e os judeus. Quando Ele chamou a Deus de “Meu Pai”, em João 5:17, os judeus entenderam que Ele “dizia que Deus era seu próprio Pai, *fazendo-se igual a Deus*”.

Em Mateus 16:15, quando perguntou aos discípulos: “quem dizeis que Eu sou?”, Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16:16). Em sua resposta, o apóstolo afirmou que Jesus é o Messias e O identificou como Deus. Cristo reagiu à afirmação de Pedro, chamando-o de bem-aventurado por ter alcançado essa percepção, e esclareceu que isso procedia de “Seu Pai” (Mt 16:17).

Os evangelhos sinóticos mencionam que Jesus perdoou os pecados de um parálítico (Mt 9:2; Lc 5:20; Mc 2:5), e os judeus, possivelmente com base em Isaías 43:25 e outras passagens do AT (Sl 32:5; 130:4; Is 44:22; 55:7), alegaram blasfêmia (Mt 9:3; Lc 5:21; Mc 2:7). A ação perdoadora de Cristo foi interpretada pelos escribas e fariseus como uma referência à Sua divindade. De fato, não apenas esse, mas os

outros milagres de Jesus atestavam isso (Jo 20:30, 31). Quando João Batista estava preso, ao ouvir falar das obras de Jesus, enviou seus discípulos com a seguinte pergunta: “És Tu Aquele que estava para vir?” (Mt 11:3). Esse questionamento diz respeito ao significado cristológico das ações de Cristo. A resposta do Mestre em Mateus 11:4, 5 identifica-O como o cumprimento de textos messiânicos como Isaías 29:18, 19; 35:5, 6 e 61:1. A partir de Isaías 9:6, observamos que os judeus identificavam o Messias como o próprio Deus em carne.

Em João 17:5, Jesus fala de Sua pré-existência eterna. Nessa passagem, Pai e Filho compartilham da mesma glória. Desse modo, Ele está também afirmando Sua divindade, uma vez que, segundo Isaías 42:8 e 48:11, Deus não compartilha Sua glória com ninguém. Em João 8:58 (cf. Jo 10:36), Jesus reivindica o título com o qual Deus Se identifica a Moisés em Êxodo 3:14. Os judeus, “então, pegaram em pedras para atirarem Nele” (Jo 8:59; cf. 10:31-33; 11:8). No AT, “apedrejamento era a punição prescrita para blasfêmia” (Lv 24:14-16).³ Em João 14:6, porque Jesus tinha consciência de Sua divindade e humanidade, Ele apresentou-Se como o único meio de acesso ao Pai. Schnackenburg observa que esse versículo “forma um sumário clássico da doutrina joanina da salvação, a qual está baseada inteiramente em Jesus Cristo”.⁴ Jesus sabia que somente Sua vida podia pagar o preço de nosso resgate (Mt 20:28). Mais do que isso, deixou claro que somente *permanecendo* Nele, com base no que Ele continuamente realiza por nós, é que podemos *permanecer* salvos (Jo 15:6).

O testemunho dos apóstolos

Marcos inicia seu evangelho com uma frase de profundo significado teológico: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1:1). Como sabemos, o termo *Cristo* é a tradução grega do hebraico *Messias*. Essa palavra exprime o cumprimento da expectativa israelita de um libertador.⁵ Assim, o evangelista está expressando uma crença que é compartilhada pelos apóstolos: Jesus é o Messias longamente esperado por Israel; Ele é Deus em carne! O termo *Cristo* aparece associado a Jesus quase 250 vezes, e o título *Filho de Deus* está ligado a Ele mais de dez vezes no NT.⁶ De fato, constantemente os apóstolos atribuíam esse título a Cristo (Gl 2:20; 1Jo 5:20).

João 1:14 declara que o Verbo Se fez carne, enquanto 1:1 a 3 é uma categórica afirmação de Sua pré-existência eterna. Paulo também identifica Cristo como Deus eternamente pré-existente (Fp 2:6, 7),⁷ mas também como homem (Fp 2:7, 8). Entretanto, um homem singular, visto que “Nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade” (Cl 2:9; cf. 1:19).⁸ Em Hebreus 1:1 a 3, o Filho é apresentado como o ápice da revelação de Deus, uma vez que Ele é “a expressão exata do seu Ser” (Jo 14:9; 2Co 4:4; Cl 1:15). Por sua vez, Cristo realmente tornou-Se homem “por causa do sofrimento da morte, [...] para que [...] provasse a morte por todo homem” (Hb 2:9). O autor de Hebreus demonstra que, “para que pudesse entrar em todas as experiências da humanidade, Cristo tornou-Se homem” (Hb 2:14).⁹ Segundo Hebreus 2:17a, “convinha que, em todas as coisas, [Cristo] Se tornasse semelhante aos irmãos”. O termo grego traduzido como “convinha” é *ōpheilen* (de *ōpheilō*). Esse verbo é usado no NT para indicar algo que é devido em termos financeiros (Mt 18:28), mas também para indicar “dever” no sentido de que algo é *necessário, compulsório* ou *obrigatório* (1Co 5:10; 7:36).¹⁰ Assim,

em Hebreus 2:17, o texto afirma que *era necessário* que Jesus Se tornasse semelhante aos irmãos. Não havia outra forma de salvar a humanidade.¹¹

Portanto, em Cristo temos combinadas duas características fundamentais para nossa salvação. Como afirma Kevin Vanhoozer, “em Cristo há não apenas perfeita humanidade (Hb 4:15), mas também ‘toda a plenitude da divindade’ habitando corporalmente (Cl 2:9)”.¹² Assim, porque Jesus é singular, Sua obra é exclusiva. O que Ele faz não está dissociado de quem é. A Bíblia

Após o Iluminismo, a maioria das pessoas acha impossível acreditar nas verdades objetivas e nos interesses últimos da cosmovisão cristã. Nesse contexto, o princípio *solus Christus* parece mais urgente hoje do que o foi no período da Reforma.

afirma que Deus, em Cristo, estava reconciliando consigo o mundo (2Co 5:19), porque, em face da universalidade do pecado, somente Deus *em Cristo* poderia remediá-lo.¹³

Completa suficiência

As Escrituras utilizam uma linguagem peculiar a fim de identificar Cristo como nosso suficiente Salvador. Em Hebreus 7:27, a partir da expressão “uma vez por todas”, a Bíblia contrasta a natureza repetitiva do ritual no santuário terrestre com a completa eficácia do sacrifício de Jesus. Essa mesma fraseologia é utilizada em outros lugares com a

mesma finalidade (Hb 7:27; 9:12, 26; 10:10). Outras expressões indicando suficiência aparecem ao longo do NT: *um só* homem, Jesus Cristo (Rm 5:15); *um só*, a saber, Jesus Cristo (Rm 5:17); “*um só* ato de justiça” (Rm 5:18); “obediência de *um só*” (Rm 5:19); “*por um* homem” (1Co 15:21, 22). A completa suficiência de Cristo como nosso Salvador também é enfatizada a partir da ideia de que Ele é Profeta e Sacerdote-Rei.

Profeta. Em Deuteronômio 18:15 a 19, Moisés afirma que Deus levantaria um profeta semelhante a ele. Embora o contexto imediato da passagem indique que esse novo profeta era Josué (Js 1:1-8), é preciso levar em conta duas questões: (1) para alguns estudiosos, talvez Josué seja a figura do AT mais tipológica de Jesus;¹⁴ (2) o NT aplica Deuteronômio 18:15 a 19 diretamente a Cristo (At 3:22-26; 7:37). Outras passagens fazem referência a Jesus como profeta (Mt 16:14; Lc 7:16; 9:8; Jo 4:19; 9:17). Entretanto, Ele é mais do que profeta, visto que é Aquele de quem os profetas falaram (Lc 24:24-27, 44-47; Jo 5:45-47; 1Pe 1:10-12). Além disso, um profeta fala na autoridade que Lhe é dada por Deus. Contudo, Cristo fala por Sua própria autoridade: “Eu, porém, vos digo” (Mt 5:22, 28, 32, 34, 39, 44); Ele tem toda autoridade no céu e na terra (Mt 28:18).

Sacerdote-Rei. Como sacrifício pelo pecado (Hb 5:7) e sumo sacerdote (Hb 5:10), Jesus “tornou-Se o Autor da salvação eterna para todos os que Lhe obedecem” (Hb 5:9). Quando estudamos o sacerdócio no AT, observamos que o sacerdote é (1) escolhido por Deus, (2) representa o povo perante Deus e (3) oferece sacrifícios a Deus. Em outras palavras, ele atua como mediador. No entanto, o livro de Hebreus mostra que Cristo é maior do que os sacerdotes do AT (Hb 5:5-10; 7:23-28; 9:12; 10:15-18; 9:11-15). Em Apocalipse 4 e 5, temos uma cena no santuário celestial em que Ele reina como Sacerdote-Rei.¹⁵ Em 2 Samuel 7:12 a 16, Deus prometeu a Davi que sempre haveria um descendente para o trono (cf. Sl 132:11, 12).

No entanto, vieram o cativo e a destruição do reino e, então, as profecias sobre a restauração do trono de Davi (Is 11:1-5, 10; Jr 23:5; 30:9; 33:14-22; Ez 34:23, 24; 37:24, 25; Os 3:5). Uma importante profecia em forma de poema é oferecida no Salmo 110, escrito por Davi (cf. Sl 110:1 e Mt 22:41-45). Mateus 22:42 mostra que os judeus interpretavam esse salmo como messiânico. Ele não poderia se referir à dinastia davídica, tendo em vista o decreto de Deus em relação ao Senhor de Davi: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110:4). Hans LaRondelle explica: “Davi jamais foi chamado de sacerdote. A dinastia davídica veio da tribo de Judá, enquanto o sacerdócio regular era hereditário por meio da tribo de Levi. Os dois ofícios jamais se unificaram na história de Israel; eles eram inteiramente separados (Nm 8:19; 2Cr 26:16-20; 1Sm 13:9, 14). A promessa do Salmo 110:4 só pode, portanto, referir-se ao Messias.”¹⁶ Assim, o NT explica o ministério sacerdotal de Cristo no Céu como sendo o do Sacerdote-Rei do Salmo 110 (At 2:30-36). De fato, esse é o salmo mais citado no NT. Nas palavras de LaRondelle, “este é um testemunho de sua importância primordial para a Igreja do Senhor Jesus”.¹⁷

Para finalizar esta seção, acho perspicaz a observação de Herman Bavinck: “A obra que o mediador estava encarregado de cumprir não terminou com Seu sofrimento e morte [...]. Embora Ele tenha completado toda a obra que o Pai O instruiu a fazer na Terra, no Céu Ele continua Sua atividade profética, sacerdotal e real.”¹⁸ Como tal, Jesus é Salvador e Mediador totalmente suficiente (At 5:30, 31).¹⁹ Não precisamos de nenhum outro!

Desafio contemporâneo

Confome destaca a declaração *A Unicidade de Cristo em Nosso Mundo Plural*,²⁰ vivemos em um mundo de diferentes culturas, línguas, pontos de vista, vieses, códigos morais, sistemas científicos e religiões; um mundo cada vez mais diverso, em que a

crença segundo a qual Cristo é nosso único Salvador e Mediador é recebida sob suspeitas. Após o Iluminismo, “a maioria das pessoas acha impossível acreditar nas verdades objetivas e nos interesses últimos da cosmovisão cristã”.²¹ Nesse contexto, o princípio *solus Christus* parece mais urgente hoje do que o foi no período da Reforma.

Jesus insistiu que o evangelho do reino deveria ser pregado em todo mundo (Mt 24:14; 28:18-20). Mais de 2 mil anos se passaram, e ainda há muito por fazer. Suas palavras ainda falam aos cristãos contemporâneos: “Fazei discípulos de todas as nações.” Ele é o único a quem o Pai concedeu “toda autoridade no céu e na terra”. Afinal, quem pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus? E quem vive sempre para interceder por eles? Quem é o Ser divino que veio ao mundo para assumir a natureza humana? E quem é o Mediador entre Deus e os homens? Quem é a Verdade, a Vida e o único Caminho de acesso ao trono do Pai? Como cristãos, propaguemos esta mensagem ao mundo: somente Cristo! **M**

Referências

- ¹ James Sire, *O Universo ao Lado: Um Catálogo Básico Sobre Cosmovisão*, 4ª ed. (São Paulo: Hagnos, 2009), p. 264.
- ² Stephen Wellum, *Christ Alone: The Uniqueness of Jesus as Savior: What the Reformers Taught and Why it Still Matters* (Zondervan: Kindle Edition), p. 51. Ver Mt 11:1-5; 12:41, 42; 13:16, 17; Lc 7:18-22; 10:23, 24; Jo 17:3.
- ³ Mais detalhes em Andreas J. Köstenberger, “John,” em *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament* (Grand Rapids, MI; Nottingham, UK: Baker Academic; Apollos, 2007), p. 459.
- ⁴ Citado por George R. Beasley-Murray, *John*, v. 36, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 2002), p. 252.
- ⁵ William Arndt, Frederick W. Danker e Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 2000), p. 1.091.
- ⁶ Mt 27:54; Mc 1:1; Jo 11:4; 20:31; At 8:37; 9:20; Rm 1:4; 2Co 1:19; Hb 4:14; 1Jo 4:15; 5:5; 5:20. Se somar as vezes em que o nome de Jesus não é explicitamente declarado, mas apreendido pelo contexto, o número de ocorrências pode subir para mais de 30 vezes. Para mais detalhes, ver Bruce Manning Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (Londres; Nova York: United Bible Societies, 1994), p. 315.

⁷ Para uma explicação sobre a expressão “em forma de Deus”, ver Gordon D. Fee, *Pauline Christology: An Exegetical-Theological Study* (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), p. 372-375; 522-525.

⁸ Fee observa que, em Colossenses 2:9, “Paulo especificamente se refere ao Filho como encarnação divina. Isso se torna evidente a partir da referência final com a adição do enfático ‘corporalmente’”. Ver Fee, *Pauline Christology*, p. 308.

⁹ Francis D. Nichol, ed., *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, v. 7 (Review and Herald, 1980), p. 406.

¹⁰ W. Arndt, F. W. Danker e W. Bauer, *A Greek-English Lexicon*, p. 743.

¹¹ A exclusividade da obra expiatória de Jesus é enfatizada por Paulo inúmeras vezes a partir da frase “em Cristo” (Ex.: Rm 3:24; 6:3, 11, 23; 1Co 15:22; 2Co 5:17-19; Ef 1:3, 9, 12, 20).

¹² Kevin J. Vanhoozer, *Biblical Authority After Babel: Retrieving the Solas in the Spirit of Mere Protestant Christianity* (Grand Rapids, MI: Brazos, 2016), p. 149.

¹³ Ángel Manuel Rodríguez, “World Religions and Salvation: An Adventist View,” em *Message, Mission and Unity of the Church*, ed. Ángel Manuel Rodríguez (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2013), p. 432.

¹⁴ W. A. Gage, *Theological Poetics: Typology, Symbol and the Christ* (Fort Lauderdale, FL: Warren A. Gage, 2010), p. 34.

¹⁵ Richard M. Davidson, “Sanctuary Typology,” em *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, ed. Frank B. Holbrook, v. 1 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 110.

¹⁶ Hans K. LaRondelle, *Deliverance in the Psalms: Messages of Hope for Today* (Bradenton, FL: First Impressions, 2006), p. 185.

¹⁷ LaRondelle, *Deliverance in the Psalms*, p. 186.

¹⁸ Citado por Norman Guley, *Systematic Theology: Creation, Christ, Salvation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2014), p. 663.

¹⁹ Wellum destaca cinco pontos de contraste entre Cristo e os sacerdotes no santuário terrestre. Para mais detalhes, ver Stephen Wellum, *Christ Alone*, p. 142, 143.

²⁰ O título original em inglês é *The Unique Christ in Our Pluralistic World*. Trata-se de um documento publicado como resultado de um encontro em Manila, Filipinas, em junho de 1992. Como resultado das discussões, a referida declaração foi emitida, a qual consiste no volume 5 da série WEF Theological Commission's “Outreach and Identity”.

²¹ Stephen Wellum, *Christ Alone*, p. 277.



Gentileza do autor

Nilton Aguiar, mestre em Ciências da Religião (Universidade Católica de Pernambuco), é doutorando em Teologia pela Andrews University

A Deus toda glória

A relevância do princípio *solī Deo gloria* para a missão da igreja no tempo do fim

Cristhian Alvarez Zaldúa



Um resumo das crenças básicas das igrejas surgidas durante a Reforma Protestante pode ser encontrado nos “cinco solas”, as cinco frases latinas que identificam o movimento. Cada uma delas expressa uma ideia que se contrapõe a aspectos importantes da doutrina católica romana.

Há quem pergunte se essas expressões, assim como as conhecemos, foram usadas pelos reformadores dos séculos 16 e 17. A esse respeito, Scott Clark afirma que essas “ideias estavam presentes desde a etapa mais remota da Reforma; contudo, as frases atuais se desenvolveram com o tempo”.¹ As expressões mais antigas são *sola gratia* (somente a graça), *sola fide* (somente a fé) e *sola Scriptura* (somente a Escritura).² Embora esses três “solas” iniciais apareçam em vários textos protestantes do século 16,³ eles não foram usados juntos até o início do século 20, quando o teólogo luterano Theodore Engelder os sistematizou em seu artigo publicado em 1916.⁴ Com o tempo, foram somadas a essa tríade da teologia protestante outras duas famosas frases latinas, *solus Christus* (somente Cristo) e *solī Deo gloria* (glória somente a Deus), ideias que também existiam entre os reformadores do século 16.⁵

Neste artigo tratarei do significado do último dos “solas”, *solī Deo gloria*. Em primeiro lugar, abordarei os motivos que o originaram; em seguida, revisarei o que a Bíblia diz a respeito do tema; finalmente, farei uma reflexão acerca de como ele se relaciona com o último chamado de Deus ao mundo.

Solī Deo gloria em debate

Como foi dito, o propósito dos “cinco solas” foi contrastar os ensinamentos dos reformadores com as doutrinas da Igreja Católica. Assim, *solī Deo gloria* tinha o propósito de mostrar que toda glória devia ser dada unicamente a Deus e não aos homens. Evidentemente, nenhum católico romano se oporia a admitir isso; entretanto, para os reformadores, o conceito também implicava excluir do culto a reverência dada aos santos, a Maria e aos papas.

Na atualidade, a partir da compreensão católica, afirma-se que a Bíblia apresenta versículos que mostram Deus compartilhando Sua glória com os seres humanos (Rm 8:17; 2Ts 2:13, 14). Assim, conclui que a interpretação protestante está errada quando busca ser extremamente excludente.⁶ Contudo, Peter Ditzel afirma que *solī Deo gloria* não significa que ninguém possa compartilhar a glória de Deus, mas que Deus “é o único que merece a glória. Não granjeamos a glória que Ele nos dá. Não a merecemos. É dom da graça de Deus que Ele nos dá porque estamos em Seu Filho, não porque a temos conquistado”.⁷ Também significa que todos os méritos pela salvação do homem são unicamente Dele; por isso, todo tipo de obras humanas e méritos próprios são excluídos.

Desde o início, Lutero rejeitou a teologia sacramental romana porque via que ela favorecia a salvação pelas obras e justificava

práticas abusivas à fé, como a venda de indulgências, que tanto criticou em suas 95 teses. Desde então, os reformadores buscaram resgatar a singela doutrina da salvação pela graça, mediante a fé, independentemente dos méritos humanos. Entre as respostas da Igreja Católica à Reforma estão as declarações do Concílio de Trento (1545-1563), que enfatizaram que, embora a salvação seja uma iniciativa divina, não basta contar unicamente com a fé para alcançá-la. As afirmações a seguir ilustram esse conceito.

“Cânon 9: Se alguém disser que o ímpio é justificado somente pela fé, entendendo que nada mais se exige como cooperação para conseguir a graça da justificação, e que não é necessário por parte alguma que ele se prepare e disponha pela ação da sua vontade – seja excomungado.”

“Cânon 12: Se alguém disser que a fé que justifica não é outra coisa, senão uma confiança na divina misericórdia, que perdoa os pecados por causa de Cristo ou que é só por esta confiança que somos justificados – seja excomungado.”⁸

É evidente que, para Roma, não se podia ser justificado unicamente pela fé, já que se requeria algo mais. Em harmonia com as asserções anteriores, o mesmo concílio tridentino declarou que a justificação “é não somente a remissão dos pecados [Cânon 11], mas, ao mesmo tempo, a santificação e renovação do homem interior”.⁹ Dessa maneira, a igreja deixou claro que as obras eram um elemento indispensável que se somava aos méritos de Cristo para que o homem pudesse chegar ao Céu.

Roma não via que esse entendimento sobre a justificação, como expressava o concílio, revogava “de algum modo a glória de Deus ou os merecimentos de nosso Senhor Jesus Cristo”, mas cria que assim se ilustrava “a verdade da nossa fé e, enfim, a glória de Deus e de Jesus Cristo”.¹⁰

Obviamente, os reformadores ligados ao princípio *sola Scriptura* não podiam aceitar essa ideia de justificação, não somente porque violava os princípios de *sola gratia* e *sola fide*, mas também porque negava o verdadeiro *solus Deo gloria*; uma vez que, ao incorporar obras meritórias ao plano da redenção, a glória da salvação já não era um mérito único e exclusivo de Deus, mas também humano.

Perspectiva bíblica

Depois de considerar algumas razões históricas para o *solus Deo gloria* dos reformadores, apresento uma síntese com as principais ideias do que a Bíblia diz a respeito.

No Antigo Testamento, a palavra “glória”, na maioria das vezes, é a tradução do termo hebraico *kabod*, que possui o sentido básico de “ser pesado”,¹¹ “algo pesado que dá importância”,¹² e, portanto, pode ser entendido como “estima”, “honor”, “honra”, “admiração” (Dt 5:24; Nm 24:11).¹³ No Novo Testamento, geralmente é a tradução da palavra grega *doxa*, que transmite um significado semelhante ao do Antigo Testamento,¹⁴ sem descartar o sentido abstrato de “poder”,¹⁵ “reputação, prestígio”.¹⁶

Há várias passagens das Escrituras em que a palavra “glória” é utilizada para falar das manifestações e formas majestosas pelas quais Deus se revela (Êx 16:10; Ez 1:28; 10:4; Is 6:13). Nesse sentido, Davi escreveu: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das Suas mãos” (Sl 19:1); a criação, portanto, é uma das maiores evidências de Seu poder infinito que O distingue dos falsos deuses (Sl 96:5; Jr 10:10-12; 1Co 8:6, 7). Em Isaías 43:7, o profeta afirma que o ser humano também foi criado para glória de Deus. Por esse motivo, temos virtudes como amor, misericórdia e

criatividade, que não são nossas em si mesmas, mas que refletem os atributos comunicáveis de Deus e mostram como Ele é em uma escala muito maior e mais perfeita. Em outras palavras, tudo procede Dele e Ele é a fonte de todas as coisas. Assim, o Senhor tem o direito absoluto de receber todo louvor, honra e glória. Essa verdade está evidente nas doxologias neotestamentárias, quando dizem: “Porque Dele, e por meio Dele, e para Ele são todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11:36; cf. 16:27; Gl 1:5; Fl 4:20).

John Piper, baseado na declaração bíblica que diz: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da Sua glória” (Is 6:3), descreve a glória divina de forma poética ao apresentá-la como “a santidade de Deus posta em uma tela”.¹⁷ Essa conexão entre Sua santidade e Sua glória agrega uma visão adicional, porque indica que Ele é separado de tudo aquilo que é comum. O Senhor é único, de infinito valor e poder. Portanto, “dar glória a Deus” ou “glorificar a Deus” significa louvá-Lo, exaltá-Lo, reconhecer Sua grandeza e perfeição, reconhecê-Lo e adorá-Lo como único Deus verdadeiro (Sl 29:1, 2; 96:1-3).

Compreender esse aspecto da glória divina expõe o proceder pecaminoso da idolatria, seja por meio da veneração de ídolos, da natureza ou do próprio homem, pois em lugar de glorificar o supremo Criador, a honra é direcionada ao objeto criado, que não tem glória em si mesmo, mas que reflete palidamente o Todo-poderoso. O Senhor afirma: “a Minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a Minha honra, às imagens de escultura” (Is 42:8). Entretanto, esse é precisamente o tipo de pecado que a humanidade rebelde tem cometido de um jeito ou de outro, pois “tendo conhecimento de Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças [...]. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis” (Rm 1:21-23). Assim, em uma época

de tanto materialismo, secularismo e várias outras correntes de pensamento que excluem a Deus e fazem com que o homem acredite ser o centro de tudo, esses versículos nos lembram de que não fomos criados para *glorificar* a nós mesmos, mas que existimos para glorificar a Deus.

Jesus glorificou Seu Pai ao viver uma vida santa e de perfeita obediência (Jo 17:4). De Seus seguidores, Ele disse: “Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis Meus discípulos” (Jo 15:8). Também afirmou que os crentes devem permitir que sua “luz brilhe” por meio de suas “boas obras”, para que todos “glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16). Isso quer dizer que quando alguém chega a compreender quão santo e majestoso é o Senhor, ocorrem duas coisas. Em primeiro lugar, cada aspecto de sua vida é dedicado a agradar a Deus: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31). Na sequência, ele verdadeiramente entende sua humilde condição, de tal maneira que não há mais espaço para soberba ou orgulho (1Sm 2:3; Pv 6:16, 17; Tg 4:6). A esse respeito, Ellen White afirmou: “Os que possuem mais profunda experiência nas coisas de Deus são os que mais se afastam do orgulho e da presunção. Como tenham elevada concepção da glória de Deus, sentem que lhes é demasiado honroso ocupar o mais humilde lugar em Seu serviço.”¹⁸

Soli Deo gloria e o tempo do fim

Além de tudo que foi dito até aqui, não há dúvida de que dentro de um panorama missiológico e escatológico, um dos textos que com mais seriedade nos convida a glorificar a Deus se encontra em Apocalipse 14:7: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo.” Esse versículo tem uma importância especial para os adventistas do sétimo dia, porque é parte da tríplice mensagem angélica que o Senhor lhes deu para proclamar imediatamente antes da segunda vinda de Cristo (Ap 14:14, 15).

É importante destacar que os adventistas sempre se consideraram herdeiros legítimos da Reforma e se alegram pelo esforço que esta fez para devolver a Bíblia às mãos do povo e restaurar a grande verdade da justificação pela fé. Contudo, a Igreja Adventista também compreende que a reforma do cristianismo não deve ser vista como um evento do passado, mas como um processo que não se pode deter e que deve continuar até o fim. Essa é a razão que justifica a existência da denominação, isto é, Deus levantou o adventismo como um movimento reformador, para chamar atenção do mundo às verdades bíblicas que se perderam nos tempos de obscurantismo religioso e que a Reforma Protestante não conseguiu restaurar.

Dentro desse contexto, o evangelho pregado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14 é “eterno” (v. 6) porque nunca existiu “outro” (Gl 1:6-9), posto que as pessoas de todas as épocas sempre foram salvas por depositar a fé no Cordeiro de Deus (Hb 4:2; Jo 1:29; 3:16; 1Pe 1:18-20). Entretanto, a resposta daqueles que recebem esse “evangelho eterno” se manifesta¹⁹ de duas maneiras distintas (v. 7):

“Temei a Deus e dai-Lhe glória”. Deus está convidando o mundo para reverenciá-Lo como Soberano (1Ts 1:9, 10; 1Jo 2:15-17), pois é “chegada a hora do Seu juízo”, o que indica que o grande Juiz começou Seu julgamento nas cortes celestiais (Dn 7:9, 10). Portanto, vivemos em um tempo de solene preparação.

“Adorai Aquele que fez o céu, e a terra...”, o que implica adorar ao verdadeiro Deus como Criador. Esse é o ponto em que se destaca a observância do sábado, uma vez que é o único mandamento nas Escrituras cuja obediência aponta para o reconhecimento de Deus como Criador. Deve-se notar que existe um paralelismo muito claro entre as palavras do primeiro anjo de Apocalipse 14:7 e a razão pela

qual o Senhor ordena guardar o sábado em Êxodo 20: “porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (Ex 20:11).²⁰ Assim, esse anjo mostra que há uma estreita relação entre glorificar a Deus e guardar o verdadeiro dia de repouso. Embora o mundo cristão tenha negligenciado essa verdade, as Escrituras mostram que o povo de Deus nos últimos dias se caracterizaria não somente por guardar “a fé em Jesus”, mas também “os mandamentos de Deus” (Ap 14:12).

Soli Deo gloria continua denunciando os erros religiosos da igreja papal, ao mesmo tempo em que alerta os crentes de pecados mais sutis como a autoexaltação e o orgulho.

Conclusão

Sem dúvida, neste aniversário de 500 anos da Reforma Protestante, *soli Deo gloria* continua denunciando os erros religiosos da igreja papal, ao mesmo tempo em que alerta os crentes de pecados mais sutis como a autoexaltação e o orgulho. Além disso, é uma lembrança do chamado para glorificar a Deus que está contido na tríplice mensagem angélica (Ap 14:6, 7). Essa mensagem tem como propósito preparar o mundo para o advento do grande Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que merece toda “honra, glória e poder” (Ap 5:13). **TM**

Referências

¹ R. Scott Clark, “De dónde provienen las ‘Solos’ de la Reforma?”, <<https://goo.gl/r7y6uM>>.

² Ibid.

³ Iglesia Evangélica en Alemania, *Justificación y Libertad: Celebrando 500 Años de la Reforma en el 2017* (Hannover: Evangelische Kirche in Deutschland, 2015), p. 30.

⁴ Theodore Engelder, “The Three Principles of Reformation: Sola Scriptura, Sola Gratia, Sola Fide”, em *Commemorative Essays on the Reformation of Dr. Martin Luther and the Blessed Results*, ed. W. H. T. Dau (St. Louis, MO: Concordia, 1916), p. 97-100.

⁵ Com respeito a *soli Deo gloria*, pode-se ver a ideia em João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, III, 13, 2.

⁶ Tim A. Troutman, “Soli Deo Gloria: A Catholic Perspective”, <<https://goo.gl/hqXfvj>>.

⁷ Peter Ditzel, “The End of Soli Deo Gloria: ‘Glory to God Alone’”, <<https://goo.gl/GtNqLd>>.

⁸ Concílio Ecumênico de Trento, “Cânones sobre a Justificação”, <<https://goo.gl/3cspNw>>.

⁹ Ibid., Sessão VI, Capítulo 7.

¹⁰ Ibid., Cânon 33.

¹¹ Willen A. VanGemeren, ed., *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*, 5 vols. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1997), 2:577.

¹² Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, eds., *Compendio de Diccionario Teológico del Nuevo Testamento* (Grand Rapids, MI: Libros Desafío, 2002), p. 179.

¹³ Siegfried H. Horn, *Diccionario Bíblico Adventista del Séptimo Día* (Buenos Aires: Aces, 1995), p. 495.

¹⁴ Ibid., p. 496.

¹⁵ Kittel, *Compendio*, p. 181.

¹⁶ Alfonso Ropero Berzosa, ed., *Gran Diccionario Enciclopédico de la Biblia* (Barcelona: CLIE, 2013), p. 1.020.

¹⁷ John Piper, “Soli Deo Gloria”, <<https://goo.gl/nkeuRu>>.

¹⁸ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, 5ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 142.

¹⁹ Na mensagem do segundo e do terceiro anjo se destacam outras respostas.

²⁰ John T. Baldwin, “Revelation 14:7: An Angel’s Worldview”, em *Creation, Catastrophe and Calvary*, ed. John Templeton Baldwin (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 19.



Crédito do autor

Cristhian Alvarez Zaldúa, doutor em Teologia (Universidad Adventista del Plata), é professor de Teologia Sistemática na Universidad Adventista de Bolívia

Martinho Lutero

e as Escrituras

O legado hermenêutico
da Reforma Protestante

Rafael S. Flores





em dúvida, a Reforma Protestante foi um movimento ímpar na história devido sua repercussão global. Ele rompeu com uma época e inaugurou novos horizontes. A Bíblia foi amplamente divulgada em boa parte da Europa. O que antes era um desafio ao clero, agora se tornava o alvorecer do despertar religioso cristão. Entre seus muitos personagens, destaca-se Martinho Lutero.

Em homenagem aos 500 anos da Reforma, este artigo aborda seus antecedentes históricos, a relação de Lutero com as Escrituras e o legado hermenêutico que impactou os alicerces do cristianismo.

Antecedentes históricos

As raízes da Reforma possuem fatores geográficos, políticos, econômicos, sociais, intelectuais e religiosos. Internamente, havia um declínio moral dos clérigos desde o “cativeiro babilônico e o grande cisma”, o surgimento das Nações-Estado, as experiências místicas de renovação, os altos impostos papais e até o fracasso no atendimento das necessidades populares pela igreja. Externamente, o espírito humanista da Renascença, o nacionalismo e a expansão geográfica mundial formaram as forças de oposição ao catolicismo.¹

Em síntese, a Reforma foi um movimento plural. Assim, não pode ser considerada um evento isolado; embora o aspecto religioso tenha sido a grande força propulsora. Esse aspecto se caracteriza basicamente por ser um movimento heterogêneo entre o escolasticismo e o humanismo. No contexto, nota-se um resgate histórico da patrística e uma crítica acentuada em relação à Vulgata.² Mesmo a igreja institucional tinha fortes expectativas quanto a um despertar religioso.³ Existia uma sede por necessidades espirituais e pelo retorno às fontes primárias.⁴ Tal panorama descrevia um *zeitgeist*⁵ favorável a grandes mudanças. Certamente, todo esse quadro histórico em torno da Reforma trouxe a público uma crescente crise de autoridade.⁶

Durante a história do cristianismo, protestos nunca foram vistos com bons olhos

pela igreja dominante. Um dos poucos grupos cristãos que não foram destruídos pelo catolicismo – porém isolados –, foram os valdenses.⁷ Esse movimento destacou o valor singular das Escrituras e sobreviveu ao tempo.

Como resultado da semente lançada por cristãos que se mantiveram fiéis durante a Idade Média, surgiram os precursores da Reforma nos séculos 14 e 15, como Wycliffe, Huss e Savonarola.⁸ Wycliffe e Huss – assim como Lutero – não toleravam o abuso da igreja por meio das indulgências. Por sua vez, Savonarola pregava contra a imoralidade papal.⁹ Existiam também os “frades de vida comunitária dos países-baixos que distribuíram cópias da Bíblia”, devido a contestações referentes aos estudos de Erasmo.¹⁰

Entretanto, somente no fim do período da Baixa Idade Média, no século 16, um grande fruto pôde ser colhido. Martinho Lutero não foi destruído, isolado ou calado. De fato, ele se tornou o principal reformador a abalar os alicerces da autoridade religiosa cristã medieval e a inaugurar publicamente a Reforma Protestante.

Lutero e as Escrituras

Martinho Lutero nasceu em 1483, em Eisleben, Alemanha. De família simples, era considerado um monge piedoso, erudito, dedicado e zeloso. Estudou música e teologia na Universidade de Erfurt. Como religioso, seguiu a ordem agostiniana e foi

influenciado por Gregório Rimini. Como acadêmico, aceitou a erudição humanista de Jacques Lefèvre d'Étaples, Reuchlin e Erasmo, compartilhando seu entusiasmo no estudo de línguas.¹¹ Em 1512, recebeu o título de doutor em Teologia.

Em seus dias, a renascença italiana trazia consigo uma reflexão artística que influenciou muitos cristãos quanto à eloquência na escrita e oralidade. Essa proposta essencialmente humanista enfatizou um retorno literário às fontes, contribuindo com a Reforma. Assim, houve uma valorização do estudo das línguas originais da Bíblia, em especial, do grego. Consequentemente, a Vulgata passou a ser severamente questionada pelos reformadores.¹²

Lutero desenvolveu um enfoque cristológico de interpretação da Bíblia, chegando a afirmar que as Escrituras se tornam a palavra de Deus por meio de Cristo. Com base nessa pressuposição,¹³ ele passou a crer na importância da experiência com Jesus para abrir o caminho da salvação e libertação.¹⁴

Por outro lado, o cristianismo normativo da Baixa Idade Média apropriava-se da mensagem cristã, definindo seu ensino e doutrina com base na apologética e na tradição. O catecismo utilizava a tradição escrita, os escritos apologéticos que mantinham inspiração e deviam ser seguidos nas igrejas e os escritos de alta posição.¹⁵ Dessa forma, para compreender as Escrituras e estabelecer as regras de fé e prática, a igreja contava com a Vulgata e a tradição filosófica, gerando assim duas fontes de autoridade eclesiástica.¹⁶

Martinho Lutero, por sua vez, promoveu o lema *sola Scriptura*, não necessariamente contradizendo a igreja, mas atraindo um olhar especial para uma ideia *Lex Christ*, extraído, essencialmente do Novo Testamento, um conceito focado somente na Bíblia. Assim, foi iniciado um processo de neutralização da tradição apologética e papal.¹⁷

Além disso, Lutero ainda enfatizou o *sola fide* e *sola gratia* aliados ao princípio *sola Scriptura*.¹⁸ Desse modo, ele resgatou a verdade sobre a justificação pela fé, relacionando a justiça divina em Salmo 31:1 com o elemento da fé para alcançar a salvação em Romanos 1:17. Por isso, ele dizia que o Antigo Testamento refletia a lei e, o Novo Testamento, o evangelho.¹⁹

A divergência entre o pensamento de Lutero e a compreensão católica em relação às Escrituras inevitavelmente levou a um racha entre as partes. A princípio, o reformador não desejava romper com Roma; contudo sua declaração de que a única autoridade no debate teológico não deveria ser o papa ou a igreja, mas a Bíblia, possivelmente foi a razão pela qual Roma rompeu com Lutero.²⁰ O conceito da autoridade suficiente da Bíblia exerceu uma forte reflexão sobre a autointerpretação das Escrituras.²¹ A essência do protesto foi que somente a Bíblia é a norma final para avaliar e julgar a tradição e a razão.²²

Legado da Reforma

Lutero resgatou a verdade sobre a justificação pela fé, iniciando um processo de Reforma a partir das Escrituras Sagradas. Os efeitos podem ser vistos pelas muitas traduções da Bíblia em diversas línguas. As Escrituras se tornaram o livro mais impresso e promovido do mundo, e o brado *sola Scriptura* ecoa por todas as partes.

As comunidades cristãs posteriores,²³ infelizmente, restringiram-se ao estudo da justificação pela fé no Novo Testamento e ao pensamento de que a filosofia e a lógica aristotélica são relevantes no processo interpretativo.²⁴ Entretanto, era preciso avançar mais.

Entre os muitos grupos cristãos, os adventistas do sétimo dia, segundo Alberto R. Timm, “são aqueles que melhor prosseguem no caminho da Reforma”.²⁵ Isso pode ser evidenciado por alguns fatos da história denominacional. Em 1974, em uma

das mais importantes Assembleias da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, foi publicado um volume intitulado *Symposium on Biblical Hermeneutics*, no qual Don Neufeld enfatiza alguns princípios gerais de interpretação, entre eles o *sola Scriptura*.²⁶ Mais tarde, no ano 2000, a igreja lançou o *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, que reforça outro princípio fundamental: a iluminação do Espírito Santo para a interpretação das Escrituras.²⁷

O próprio *Manual da Igreja* afirma: “Os Adventistas do Sétimo Dia aceitam a Bíblia como seu único credo e mantêm certas crenças fundamentais como sendo o ensino das Escrituras Sagradas. Essas crenças [...] constituem a compreensão e a expressão do ensino das Escrituras por parte da Igreja. Eventuais revisões destas declarações podem ocorrer em uma assembleia da Associação Geral, quando a Igreja for levada pelo Espírito Santo a uma compreensão mais completa da verdade bíblica ou encontrar melhor linguagem para expressar os ensinamentos da Santa Palavra de Deus.”²⁸

A influência “histórico-gramatical” da Reforma é um importante legado que devemos considerar em nossa construção teológica. *Somente a Escritura* deve ser a fonte de pressuposições e o princípio cognitivo para se fazer teologia.³⁰ Enfim, o legado de Lutero deve nos motivar a dar continuidade na busca pelo resgate do conhecimento bíblico, e assim gerar intensas aplicações na vida espiritual dos crentes. **M**

Referências

- 1 Earle E. Cairns, *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2008), p. 199-203, 211-219, 221-223.
- 2 Alister E. McGrath, *Origens Intelectuais da Reforma* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007), p. 170, 184, 188.
- 3 Williston Walker, *História da Igreja Cristã* (São Paulo: Aste, 2006), p. 490.
- 4 Henri Strohl, *O Pensamento da Reforma* (São Paulo: Aste, 1963), p. 69.
- 5 Duane P. Schultz, *História da Psicologia Moderna* (São Paulo: Thompson, 2006), p. 10. *Zeitgeist* é um termo alemão que significa o ambiente intelectual e cultural, ou o espírito da época.

⁶ McGrath, p. 25.

⁷ Walker, p. 442.

⁸ Cairns, p. 199.

⁹ Robert C. Walton, *História da Igreja em Quadros* (São Paulo: Editora Vida, 2000), p. 50.

¹⁰ Strohl, p. 71.

¹¹ Walker, p. 492-494.

¹² Alberto R. Timm, “Antecedentes Históricos da Interpretação Bíblica Adventista”, em George W. Reid, org., *Compreendendo as Escrituras: Uma Abordagem Adventista* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007), p. 46, 47, 51, 52.

¹³ Alister E. McGrath, *Teologia da Cruz* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014), p. 105, 109, 112.

¹⁴ Justo L. González, *Uma História Ilustrada do Cristianismo*, v. 6. (São Paulo: Vida Nova, 1995), p. 48, 66, 68.

¹⁵ Walker, p. 87, 89, 90, 92.

¹⁶ McGrath, *Origens Intelectuais da Reforma*, p. 146.

¹⁷ *Ibid.*, p. 52, 53.

¹⁸ Richard Davidson, “Interpretação Bíblica”, em Raoul Dederen, org., *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 103.

¹⁹ Davidson, p. 103.

²⁰ Cairns, p. 236.

²¹ A autointerpretação da Bíblia é a crença de que a própria Bíblia fornece as proposições e respostas sobre seus assuntos.

²² Kwabena Donkor, “A Reforma e o Princípio *Sola Scriptura*”, *Ministério*, nov-dez. 2013, p. 17.

²³ Walton, p. 66.

²⁴ Norman L. Geisler e Paul D. Feinberg, *Introdução à Filosofia: Uma Perspectiva Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2009), p. 62.

²⁵ Timm, p. 11.

²⁶ Don F. Neufeld, “Biblical Interpretation in the Advent Movement”, em Gordon M. Hyde, org., *Symposium on Biblical Hermeneutics* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1974).

²⁷ Davidson, p. 113.

²⁸ *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 166.

²⁹ Fernando Canale, *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã: Um Estudo Hermenêutico Sobre Revelação e Inspiração* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2011).



Cortezia do autor

Rafael S. Flores é graduando do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sediado no Instituto Adventista Paranaense, em Maringá, PR

CONCURSO DE ARTIGOS

A revista **Ministério** está promovendo o 2º Concurso de Artigos para estudantes de Teologia. Todos os alunos matriculados em programas de graduação ou pós-graduação podem participar.

TEMA E REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

1. Um dos maiores desafios do cristianismo contemporâneo está relacionado ao **discipulado**. Desse modo, o tema dos artigos deverá relacionar-se com esse assunto. Os textos podem explorar aspectos bíblicos, históricos, teológicos e aplicados que aprofundem a compreensão acerca do discipulado cristão.
2. Os textos deverão ser enviados em MS Word para o e-mail ministerio@cpb.com.br. Por favor, inclua as seguintes informações no cabeçalho do artigo: nome, endereço, e-mail, telefone, afiliação religiosa, nome da instituição educacional em que está cursando Teologia e o título do manuscrito.
3. Ao fazer citações bibliográficas, identifique as fontes. Insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use números arábicos nas notas. Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado. Os textos deverão conter no mínimo 8 mil e no máximo 15 mil caracteres com espaço.
4. Será aceito somente um artigo por autor.

PRÊMIOS

- 1º lugar:** Coleção Minicentro Ellen G. White
2º lugar: Coleção Comentário Bíblico Adventista
3º lugar: Bíblia de Estudo Andrews

A comissão avaliadora será formada pela equipe editorial da *Ministério*, por representantes do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia e da Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Publicação

1. Não haverá devolução dos artigos enviados.
2. Os ganhadores do concurso darão à revista *Ministério* os direitos de publicação do artigo. Embora os editores pretendam publicar esses textos, a publicação não é garantida.

Data limite de inscrição:

Os textos deverão ser enviados até **30 de maio de 2018**

Ganhadores do 1º Concurso de Artigos

1º lugar

- Rafael S. Flores (SALT - IAP)
- Abraham Guillermo Cabezas Galdames (UnACh)

2º lugar

- Diego Gaspar Bispo (UNASP - EC)
- Iván Segovia (UAP)

3º lugar

- Laercio Marafigo (SALT - IAP)
- Wendel Viana Lima (UNASP - EC)

Apoio:



Seminário Adventista
Latino-americano de Teologia
Associação Ministerial

Entre choupanas e mansões

Era uma tarde de sábado. O rio se estreitava enquanto o pequeno barco de madeira cortava as águas. Navegamos em direção a mais uma das igrejas de nosso novo distrito pastoral, em plena Amazônia. Por fora, o calor úmido nos deixava suados; por dentro, o calor da aventura missionária nos tornava apaixonados.

Eu, minha esposa grávida e nossa filha de um ano e meio desfrutávamos a maravilhosa paisagem da floresta quando, então, fui avisado de que estávamos chegando. Enquanto olhava atento procurando avistar a igreja, ouvi o som de louvores. De repente, vi uma cena inesquecível: os irmãos estavam tão felizes com a chegada do pastor, que não aguardavam dentro da igreja, mas fora, na beira do rio. Eles nem me conheciam, mas não importava minha identidade. Bastava saber que o pastor deles havia chegado.

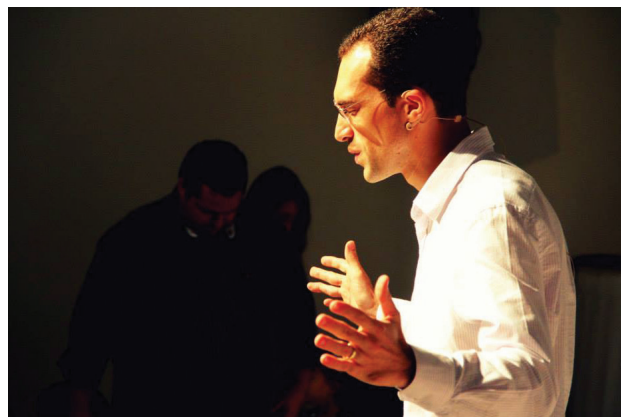
Ao ver a alegria daquele pequeno rebanho que me aguardava, um nó se fez em minha garganta e lágrimas embaçaram meus olhos. Ao sair do barco, antes de receber muitos abraços, o olhar firme e brilhante de um líder me capturou; seu sorriso emoldurou algumas das palavras mais profundas que já ouvi: "Nós estávamos esperando um pastor há quatro anos."

Naquela tarde, ministramos com toda paixão do nosso coração. Além do sermão, realizamos a Santa Ceia e o batismo. Cenas semelhantes se repetiram muitas vezes à beira de grandes e pequenos rios. Quando recebi o comunicado de que deveria deixar o interior para ser pastor de uma grande igreja em Manaus, ajoelhei-me ao lado da cama e, chorando, orei: "Senhor, será que um dia sentirei novamente tanta realização, tanta paixão sendo pastor como eu sinto aqui? Ajuda-me, Senhor!"

As coisas mudaram bastante. Trocamos os rios pelas ruas, visitávamos apartamentos no lugar de choupanas, condomínios no lugar de comunidades ribeirinhas e até mansões com piscinas ao invés de palafitas sobre igarapés. Por alguns meses, orei: "Por que o Senhor me trouxe para cá? Lá eu era tão útil." Eu simplesmente não sentia que estava fazendo tanta diferença. Estava na principal igreja do Campo. Todos os sábados havia não apenas um, mas frequentemente, alguns pastores na congregação.

Lutei com Deus e chorei muitas vezes. Eu estava num contexto tão diferente, que a minha estratégia pastoral não tinha o mesmo efeito. Na cidade, diante de mentes influenciadas pelo relativismo, onde a vida espiritual é apenas um pedaço do qual eu fazia parte, minhas ações não tinham o mesmo impacto. Segui sem me sentir realizado como antes, até que comecei a viver na nova igreja que plantamos o gosto do lento e difícil processo do discipulado.

Lavar pratos até tarde da noite; pensar num presente simples, mas significativo; tornar-me vulnerável; ouvir mais do que falar; estar disponível de verdade; caminhar ao lado, atento para ministrar a alguma necessidade; orar e interceder persistentemente, foi assim que aos poucos fui tirando o foco dos programas e colocando-o nas pessoas. Pelos últimos seis anos tenho experimentado o privilégio de discipular pessoas como nunca havia feito antes, e vê-las discipulando outras é para mim a grande confirmação do meu ministério.



Emily Palma

Voltei a ter aquela maravilhosa realização como pastor, ao levar a igreja ao persistente processo do discipulado comprometido. A congregação passou a ver o batismo como parte do processo, e não como o fim dele. Algumas pessoas levam meses, dois anos ou até mais para se comprometerem totalmente com Cristo. Mas o que mais me realiza atualmente é vê-las fazendo isso de verdade. Nos últimos quatro anos, nossa igreja teve uma taxa média de crescimento real de 12%, com apenas 5% de apostasia entre os que foram batizados a partir da nova ênfase.

Atualmente a paixão e o alvo do meu ministério têm sido trabalhar e lutar, conforme o ideal apresentado por Paulo, não simplesmente para anunciar Cristo a todos, mas para levar quem estou discipulando "à presença de Deus como pessoas espiritualmente adultas e unidas com Cristo" (Cl 1:28, NTLH). Essa paixão por fazer e levar a igreja a fazer novos discípulos até a maturidade torna em meu coração vivas aquelas palavras ditas alguns anos atrás, surgindo como um novo apelo para mim, diante dos desafios do discipulado na pós-modernidade: "Nós estávamos esperando um pastor há quatro anos!" **M**

Ricardo Coelho é pastor em Manaus, Amazonas

Dia do Pastor
21 de outubro

Meu ministério começa aqui



Foto: William de Moraes; Design: Levi Gruber



Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Visitação aos **enfermos**

Em Mateus 25:36, Cristo destacou a visita aos enfermos como parte integrante do ministério de cada cristão. O objetivo é levar conforto e esperança para alguém que está sofrendo em seu leito de dor. Normalmente esse tipo de visita ocorre na residência ou no hospital.

O ministério da visitação permite ao pastor entrar em contato com pessoas e instituições. Por isso alguns cuidados são necessários. Ellen G. White escreveu: “O tato e o critério centuplicam a utilidade do obreiro” (*Obreiros Evangélicos*, p. 117). Sem dúvida, esses são dois aspectos fundamentais na visitação pastoral, especialmente no caso de atendimento aos enfermos. Segundo o *Dicionário Aurélio*, tato é sinônimo de cautela, prudência, habilidade, capacidade e vocação. Critério, por sua vez, refere-se àquilo que serve de base para comparação, julgamento ou apreciação de um objeto, coisa, ideia e acontecimento.

A própria condição do enfermo, especialmente seu estado psicológico, pressupõe a necessidade de o pastor fundamentar e orientar sua visita nesses dois aspectos. Ao descrever as características e habilidades do Messias, Isaías escreveu: “O Senhor Deus Me deu língua de eruditos, para que Eu saiba dizer boa palavra ao cansado” (Is 50:4).

A visitação aos enfermos, principalmente se for em um hospital, requer cuidados especiais. Procedendo assim, o ministro causará uma impressão positiva, e o paciente ou seus familiares poderão estreitar sua amizade com ele, levando-os a convidá-lo para os acompanhar em seus momentos de aflição.

Ministério prático

Na visitação aos enfermos, o pastor precisa ter em mente alguns aspectos importantes:

Aspectos pessoais

- Certifique-se do nome do paciente.
- Informe-se a respeito da idade do paciente, tempo de internação, familiares e outras informações relevantes.
- Quando se tratar de alguém de outra denominação, tenha cautela ao expor a Palavra de Deus.
- Se possível, procure ter contato prévio com o médico do enfermo e informe-se sobre seu estado. Isso lhe dará condições de contextualizar melhor sua visita.

Aspectos técnicos

- Em se tratando de hospital, é importante conhecer as normas da instituição quanto à visitação (horários, acompanhantes, etc.).
- Ao entrar no quarto, higienize as mãos (normalmente os hospitais disponibilizam um gel para esse fim).
- Identifique-se brevemente, caso você não conheça o enfermo.
- Não manifeste indiferença ou receio por conta do estado do paciente.
- A visita não deve ser demorada. Principalmente em algumas situações, devido à condição do doente.
- O atendimento deve ser pessoal. Caso haja mais pacientes no recinto (enfermaria), veja a possibilidade de um atendimento geral a eles.
- Se houver interrupção pela chegada da equipe médica e/ou de enfermagem durante sua visita (há horários definidos para ministração de medicamentos), dê preferência a ela.

- Evite tocar nos aparelhos, instrumentos médicos, remédios, etc., que estiverem ao redor do enfermo. Se houver algum incômodo ou situação anormal, chame a equipe de enfermagem.
- Cuide para não emitir diante do paciente opinião sobre o tratamento, custos do hospital (se for particular) e equipe médica.
- Não tente explicar a situação do enfermo do ponto de vista clínico. Lembre-se: você não é o médico.
- Ao sair do quarto, higienize as mãos outra vez.

Aspectos espirituais

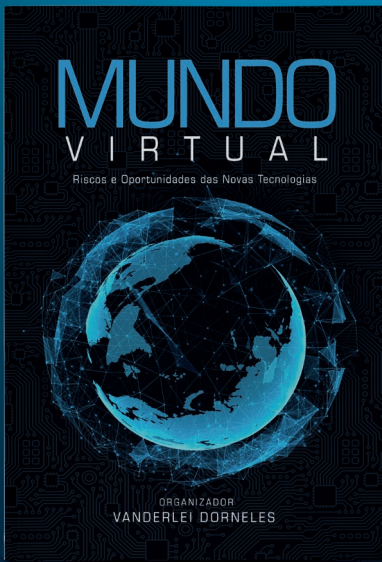
- Prepare-se espiritualmente para a visita.
- Direcione os pensamentos do paciente para a fé e a esperança em Deus, lendo alguns textos bíblicos.
- Ore pelo doente. “O Salvador deseja que animemos os enfermos, os desesperançados, os aflitos a apegarem-se a Sua força. Mediante a fé e a oração, o quarto do doente pode se transformar numa Betel” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 226).
- Diga ao enfermo que você estará orando por ele.

O pastor deve sempre se lembrar de que ao ministrar aos doentes estará servindo o próprio Cristo. “Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes” (Mt 25:40). **M**



Nerivan Silva, mestre em Teologia (Unasp, EC), é editor da Revista do Ancião

EM UM MUNDO REAL NÃO VIVA DE FORMA SURREAL



MUNDO VIRTUAL

Vanderlei Dorneles

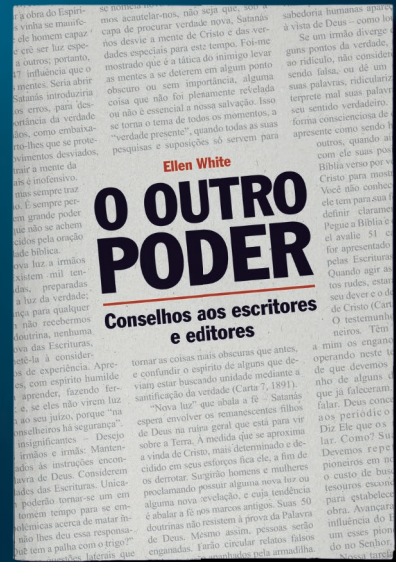
Este livro foi planejado para não ser apenas um eco dos receios diante das novas tecnologias, mas também para oferecer uma análise equilibrada do contexto atual. Saber como as novas tecnologias da comunicação podem ser empregadas na proclamação da mensagem de salvação é hoje um grande interesse no mundo cristão.



NOS BASTIDORES DA MÍDIA

Michelson Borges

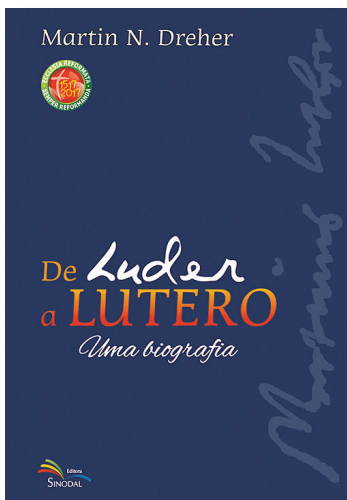
Em muitos casos, a mídia de massa tem sido usada para manipular a maneira de pensar das pessoas. Que interesses estão por trás dessa manipulação? Como se tornar consciente de tudo isso e se proteger? Essas e outras questões sobre a "face oculta" da mídia você pode descobrir nessa obra muito bem apresentada.



O OUTRO PODER

Ellen G. White

A mídia pode variar em função dos objetivos ou das circunstâncias. Deus escreveu os Dez Mandamentos em pedra, rabiscou pecados na areia, mas quer mesmo escrever Suas leis em nosso coração. Ellen White, que utilizou tão bem a imprensa em seus dias, deixou importantes recomendações para os comunicadores modernos, as quais foram compiladas neste livro.

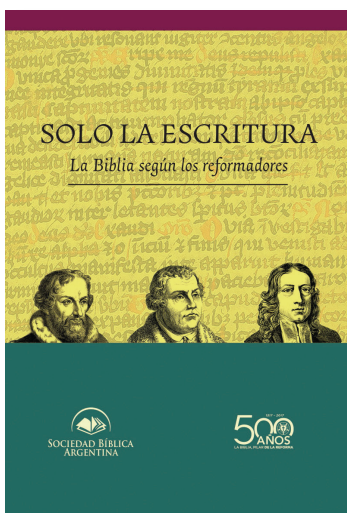


De Luder a Lutero: Uma Biografia

Martin N. Dreher, Editora Sinodal, 2014, 304 p.

Este livro do historiador Martin Norberto Dreher prima por uma prosa simples, atrás da qual se esconde um acúmulo de informações reunidas ao longo de uma vida de estudo sobre o famoso reformador do século 16. Nascido e criado em família luterana e sendo professor universitário, o doutor Dreher expõe o seu olhar e aborda o tema sob nova perspectiva. Nesta obra transitamos em meio a textos, personagens, correntes ideológicas e sociológicas e movimentos de ação e pensamento.

O autor vai desmanchando mitos por meio de uma descrição minuciosa da vida de Lutero, um homem equilibrado, conciliador, até tradicionalista, mas de mente inquieta, sempre insatisfeita com o que via ao seu redor. Enfim, este não é um livro que idealiza Martinho Lutero, mas o coloca com os pés no chão. *De Luder a Lutero* faz uma apresentação realista da figura do reformador mais corajoso do século 16 e abre espaço para um diálogo em profundidade.



Solo la Escritura: La Biblia Según los Reformadores

Néstor O. Míguez (org.), Editorial Aurora e Sociedad Bíblica Argentina, Buenos Aires, 2017, 110 p.

Este ano se completam cinco séculos desde que Martinho Lutero divulgou, em 31 de outubro de 1517, suas 95 teses. Sua intenção não era dividir o cristianismo, muito menos fundar uma nova igreja. Ele desejava a “reforma evangélica” da igreja. A rejeição a suas ideias, sustentada pelo domínio da estrutura eclesiástica reinante, levaram-no a se aprofundar teologicamente em sua experiência de fé e a redescobrir o real sentido da Palavra de Deus encarnada em Jesus Cristo. Além dele, outros também abordaram a questão, e ainda houve aqueles que o acompanharam, com suas diferenças, nesse caminho.

Em *Solo la Escritura* foram incluídas algumas páginas que mostram o espírito que impulsionou os reformadores. São recomendações sobre a centralidade da Bíblia, sua mensagem e seu valor para todo aquele que crê. A obra nos dá a certeza de que no encontro com a Palavra de Deus temos o suficiente para a salvação. As Escrituras nos apresentam Jesus, o Cristo crucificado e ressureto (*solus Christus*), a revelação que inspira a fé (*sola fide*) e fala da graça de Deus (*sola gratia*). Quem dá ouvidos à Sua Palavra sabe a quem glorificar: glória somente a Deus (*solí Deo glorià*).

Homens de um só Livro

No mês de outubro celebram-se os 500 anos da Reforma Protestante, um grande movimento que se originou dentro da Igreja Católica, liderado pelo monge agostiniano Martinho Lutero. De fato, suas reivindicações revolucionaram o mundo cristão e a cultura ocidental.

Quando se pensa na Reforma, é compreensível que, uma vez que se toma como ponto de partida as famosas 95 teses de Lutero, o primeiro assunto que nos venha à mente seja a doutrina da salvação, ou mais precisamente, da justificação pela fé. Ao fazê-lo, às vezes negligenciamos o verdadeiro pilar do movimento, que permitiu não somente uma mudança na concepção da salvação e de outras doutrinas distintivas, mas também o prolongamento que influenciaria grupos ligados àquilo que foi designado como “reforma radical” (anabatistas, por exemplo), o reavivamento subsequente iniciado por John Wesley e, em última instância, o redescobrimiento de verdades bíblicas importantes pelo movimento adventista. Refiro-me ao conceito da *sola Scriptura*.

Sola Scriptura é a certeza de que a Palavra de Deus contém tudo o que precisamos conhecer a respeito da salvação. O centro da Bíblia é Cristo, e no testemunho do Livro Sagrado descobrimos que Ele é o centro da redenção (*solus Christus*). Nas Escrituras também se encontra a palavra que inspira a fé (*sola fide*) e nos mostra que a salvação é alcançada somente pela graça divina (*sola gratia*). Finalmente, cada página da Bíblia nos apresenta o único Ser que merece toda honra e glória: o Deus dos Céus (*solus Deo gloria*).

Ao mesmo tempo, o princípio *sola Scriptura* quebra toda uma série de filtros que a Igreja Católica havia imposto à salvação e ao conhecimento de Deus:

O filtro da tradição: *Sola Scriptura* foi uma forma de deixar para trás a teologia escolástica, com seu apelo à

tradição e aos seus elaborados argumentos abstratos. A tradição, deixada ao critério do magistério do poder eclesial e da filosofia grega, tinha se constituído na base argumentativa da fé cristã.

O filtro da inacessibilidade: A Bíblia era mantida em segredo pelo poder eclesiástico, que a aprisionava em suas catedrais, sem deixá-la acessível ao povo.

O filtro do idioma: A Palavra de Deus ficava confinada ao latim, que não era mais a língua comum.

Uma vez que, para os reformadores, não deveria haver filtros interpretativos nem mediações, em conformidade com a crença no sacerdócio universal de todos os crentes, Lutero dedicou seus esforços para tornar a Bíblia acessível ao povo, convencido de que, em suas páginas, encontra-se a fonte universal da fé.

Como herdeiros não somente da Reforma, mas também de um movimento que surgiu enraizado no estudo dedicado e profundo das Escrituras, os ministros adventistas da atualidade devem como nunca antes erguer o estandarte do *sola Scriptura*: “No entanto, Deus terá na Terra um povo que se fundamentará na Bíblia, somente na Bíblia, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 595).

Sim, 500 anos se passaram, mas o princípio é o mesmo. Reformadores, príncipes, reis, presidentes, guerras e fortunas passaram, “mas a Palavra de nosso Deus permanece para sempre” (Is 40:8, NVI). Como John Wesley, cada pastor hoje deveria dizer: “Deixe-me ser um homem de um só Livro!” **M**



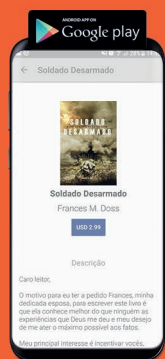
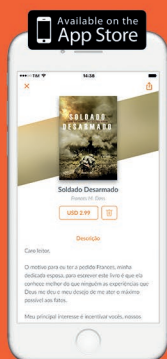
***Sola Scriptura* é a certeza de que a Palavra de Deus contém tudo o que precisamos conhecer a respeito da salvação.**



gentileza do autor

Marcos Blanco, doutorando em Teologia (Adventist International Institute of Advanced Studies), é editor da revista Ministério, edição em espanhol

Experimente os Aplicativos da CPB



CPB Books

O leitor de livros digitais da Casa Publicadora Brasileira

- Ferramenta de busca de títulos
- Organização dos títulos por categorias
- Leitura em modo retrato e paisagem
- Recurso para trocar fontes



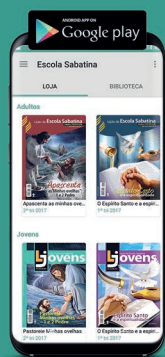
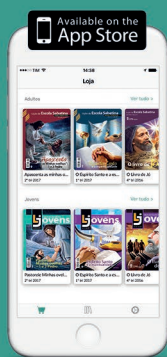
HASD

Aplicativo do *Hinário Adventista do Sétimo Dia*

- Busca de hinos por títulos ou números
- *Playlist* de favoritos
- Áudio vocal e instrumental dos hinos
- Organização de hinos por temas
- *Download* para ouvir *off-line*

Aplicativo oficial e mais completo de hinos adventistas

mais de
600
hinos



Escola Sabatina

Aplicativo oficial da Lição da Escola Sabatina

- Lição de Adultos e Jovens
- Comentários de Ellen G. White
- Auxiliar do professor
- Informativo missionário
- Horário de pôr do sol
- Sincronização com até 5 dispositivos



O conteúdo para os aplicativos CPB BOOKS e ESCOLA SABATINA
você também encontra em cpb.com.br

